

Código de identificação do ficheiro: LVR01-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3. ^a classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 01 lado: A min: 174-252	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: O sobreiro	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 01	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQI E, e nunca ouviu falar em bastão?

INF O bastão é...

INQI É o quê?

INF [ABIÉ {fp}] É a lande à mesma. É uma que vem um bocadinho mais cedo. Pois, escute, eu agora vou-{PHli=lhe} dizer: em Setembro, começa a aparecer boleta; mas há uns sobreiros que deitam [ABlumás] {fp}uns bastões {pp} que é uma lande que vem mais cedo, mais temporã.

INQI Ah!

INF Mas começa... É que vai cair tudo na mesma altura, quer dizer, começa a cair em Setembro, e depois – {fp}ou em fins de Agosto, vamos lá –, e depois a outra é em Setembro, fins de Setembro, princípio de Outubro, começa a dar comer {PHlo}=aos} porcos {fp}. Começa a dar o comer {PHlo=ao} gado, pronto! [ABIJá] Isso já é outra... [ABIÉ, é] A boleta é tudo da mesma árvore, tudo da mesma colheita, o que é que uma vem mais cedo. Vem mais cedo {CTlko=(que é o) /que o\} que vem a outra. Vem, por exemplos, se é o bastão, se é {fp}... Nem todas as árvores dão aquilo!

INQI Pois.

INF Até que todas as árvores podem dar, mas, quer dizer, não é no mesmo ano.

INQI Mas são... Claro.

INF [ABIÉ o... Este ano, por exemplo] Este ano deu bastão; {CTlpo=para o} ano, por exemplo, já não dá; {CTlpo=para o} outro ano, já dá outra vez, e é... E por aí fora.

INQI Pois.

INF Não é no mesmo ano (...), que elas (não) dão bastão todos os anos.

INQI E portanto, janeirinha nunca ouviu falar? Não?...

INF {fp} Nem janeiro, não conheço.

INQI Nada?

INF Não conheço, não senhor. Eu não conheço {pp}, a não ser que haja áreas...

INQ1 Pode ser noutras zonas?...

INF [AB|O nosso país] O nosso país é muito grande {fp} e pode haver...

INQ1 Janeirinha.

INQ2 Janeirinha.

INF Pode haver (aí) áreas que tenha [AB|outro no-, outro, outro {fp}] outra fruta que eu não conheço.

INQ1 Pois.

INF Bastão e lande é tudo a mesma coisa. Contanto, é só por o bastão vir mais cedo. Tanto que a gente anda...

INQ1 E é mais grossa?

INF Mais grossa.

INQ1 Mais grossa que a lande.

INF Pois. É mais grossa alguma {fp}.

INQ1 Alguma? Também não é toda?...

INF (...) Eu também {PH|li=lhe} vou dizer. Olhe, eu andava aí a guardar o gado, depois, {pp} logo ali {pp} fins de Agosto – começa assim a vir as águas novas; chama-{PH|li=lhe} a gente as águas novas –, as ovelhas, por exemplo, as ovelhas largam-se, fogem, correm {fp} àqueles sobreiros que têm aquele pingador que chama-{PH|li=lhe} a gente o bastão. Hem? Porque vem mais cedo maduro. As outras devem {IP|tar=estar} em casulos pequeninhas! Vai caindo mas aquilo para elas não lhe serve, e vão, correm àqueles que conhecem. Elas sabem onde eles estão todos. Correm aquilo tudo, correm além, sabem onde aquilo está. E é [AB| o tal] o tal bastão.

INQ1 Bastão.

INF É, sim senhor.

INQ1 Pois.

INF É isso.

INQ1 E eu ia-lhe perguntar outra coisa... Ah! E portanto, o senhor disse... Há uma época em que se tem que limpar os sobreiros...

INF Há sim senhor.

INQ1 Olhe, desculpe, antes disso, queria saber: qual é a diferença entre um sobreiro e um chaparro?

INF {fp} O sobreiro e o chaparro é a mesma coisa.

INQ1 É a mesma coisa?

INF É. {fp} A árvore é a mesma.

INQ1 Uma vez chamam uma coisa, outra vez chamam outra...

INF Pois. É o sobreiro, é os sobreirais.

INQ1 Olhe, e o pequenino?

INF Ou os chaparrais – já não há quem diga... [AB|Isto é] Isto é a linguagem de nós.

INQ1 Sim.

INF "{fp} Ah, é o chaparral". Toda a gente sabe que é um sobreiral. Uns chamam-{PH|li=lhe} um sobreiral, é um sobreiral, ou é chaparral, pronto, tem sobreiros. [AB|É] É aquela árvore; não há mais outra qualidade...

INQ1 Mas quando um sobreiro ainda é pequeno, como é que lhe chamam?...

INF Machoco. É os machocos. Os machocos.

INQ1 Machoco. E quando é velho, já um sobreiro grande...

INF Bom, isso aí, há aí uma coisa. É pena [AB|que a senhora {PH|nẽ=não} não] {PH|nẽ=não} ser num dia que se pudesse lá ir, que eu ia-{PH|li=lhe} mostrar umas árvores que... Únicas cá dentro do nosso país! Únicas! Há, pelo menos, cá na nossa área, há (aqui) umas quatro. Três ou quatro. São umas árvores reais.

INQ1 Árvores reais?

INF Árvores reais.

INQ1 E como é que é?

INF [AB|Que nem tirado] É sobreiros. Que nem tirados foram nunca na vida, nunca. Foram as primeiras árvores que apareceram na nossa área... Isto é como tudo o mais. Há áreas que [AB|vão-se] {fp} vão renovando de árvores conforme os anos, não é? E aqui {PH|nẽ=não} se constava e então apareceram aquelas árvores: chamam-se árvores reais. Há quatro árvores reais cá [AB|no nosso país aqui, na nossa], aqui na região. Quatro!

INQ1 E aqui ao pé do Lavre?

INF É aqui {PH|o=ao} pé de Lavre.

INQ2 Pergunta em que sítio.

INF {PH|o=Ao} Cimarrinho.

INQ1 Ah!

INF Ali {PH|o=ao} Cimarrinho, {pp} há ali... Que é na Terra do Frade, (que era terra) das ovelhas. {fp} Aí é que há quatro árvores reais. É as únicas árvores que eu conheço {pp} que são iguais todas as outras coisas, o que é que nunca foram esgalhadas, nunca foram cortadas ramos nenhuns, nunca foram nada! Nem a cortiça foi tirada! Há lá bocados tirados mas é {fp} a gente próprios; alguns (chegou): "Tira aqui um bocado de cortiça" – que há lá cortiça que é...

INQ1 Mas são então...

INQ2 Tem quantos anos?

INF Grossura?

INQ1 Já são?... Tem um troço muito largo, não?

INF {fp} Oh, uma coisa sem explicação!

INQ2 Devem ter muitos anos ainda!

INF {fp} São árvores reais, é no tempo dos reis {fp}! [AB|Isso eu, sabe, (muita gente)] Eu isso [AB|nem] nem posso calcular, porque eu, eu vou-{PH|li=lhe} dizer uma coisa: {pp} eu era gaiato pequeno e ia mais a minha mãe {PH|o=ao} carvão, {PH|oz=aos} Arneiros {pp}, e ali à estrema dos Arneiros com a Gracia, [AB|a ra-] a estrada, {IP|t'avẽ=estava} lá um machocozito – um sobreiro. Esse sobreiro eu ia lá para cima; tanto pulei lá para cima – era gaiato pequeno –, tanto pulei até que (esgarnei) uma pernada. E eu fiquei... Ainda levei porrada. A minha mãe bateu-me, pois não faltava nada para me bater. Fazia ela {PH|lm=(me) /mui\} bem, que eu era mau. {fp} Era assim, era. Eu era

assim [ABlassim] um (bocadito) traquino demais. E a senhora sabe que eu que era um bocado traquino! {fp}Eu era muito traquino, era! E então, {fp} hoje eu conheço a árvore, e hoje está um sobreiro que é uma coisa sem explicação! (Quem) é que me havia de dizer a mim que eu que andava em cima daquilo, que era (aí) uma grossura aí da perna dum homem, hem, [ABle] e agora {IPta=está} uma sobreiro, que é uma sobreiro, uma coisa... Uma coisa grande! Grande! Grossa! E eu conheço a árvore. Sei. Passo lá todos os dias, se {PHInẽ=não} for {PHlẽ'kwazi=quase} {PHlo=ao} pé dela... Muitos dias (diante dela).

INQI Mas, portanto, chama uma sobreira?

INF Não. Ainda é um sobreiro.

INQI Ainda é um sobreiro.

INF As sobreiras são aquelas sobreiras – chama-{PHlli=lhe} a gente... Já {IPta=está} o nome de sobreiro para sobreira, que é aquelas árvores mais velhas, muito grossas, muito grossas, muito grossas e já com cortiça, já... (Se calhar), já {PHlli=lhe} tiram pouca cortiça porque (ele) começa [ABla] a árvore a {IPtar=estar} velha... [ABlAquí à] Aqui à Amoreira, no caminho de Vendas Novas {pp}, há ali uma, mesmo logo à ponta do olival. Se passarem por aquela estrada, quando vão para lá é vão ver.

INQI Quando formos para Vendas Novas passamos...

INF Vão? Vão.

INQI Havemos de ir.

INF Ah, bom! [ABlMas] Mas passam por esta estrada abaixo {pp}?

INQI Sim.

INF [ABlDireito a {fp}] Olhe, do lado esquerdo, entre o campo da bola e o olival, {IPta=está} lá uma sobreira. É a sobreira mais velha que eu conheço aqui nesta... Tirando ser aquelas além. Em questão de maior!

INQI Claro, claro.

INF Porque [ABlquando] quando aquela era sobreira – que ainda hoje (ela) lá está –, já havia lá sobreiros por todo o lado! Mas eram pequenos e são pequenos. Pequenos, que era a árvore normal! E aquela é que é uma coisa desmarcada. É a sobreira da Amoreira. Chama-{PHlli=lhe} a gente a sobreira da Amoreira.

Código de identificação do ficheiro: LVR02-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 01 lado: A min: 258-280	Inquiridor2:
Assunto: O sobreiro	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 02	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ Sabe o nome das sobreiras? Cada sobreira tem o seu nome?

INF {fp} Não é o nome das sobreiras, é o nome dos terrenos, dos sítios.

INQ Ah!

INF O nome das herdades...

INQ Estava a ver que cada sobreira tinha um nome!

INF Não senhora. {fp} É que mas é {fp} as herdades têm vários pontos e vários nomes. Há o Vale do Cimarrinho; há o Vale [ABlda] da Antinha; [AB]há o vale, há o{fp}, há o] há o Vale {pp} da Asseiceira... {fp} Enfim, muitos, muitos, muitos! Do género do Cabeço; o Cabeço do Pombo; o Cabeço do Jardim; o Cabeço... Eu sei lá (eu)! É coisas que a gente {pp}

INQ Pois.

INF antigamente dizia, que hoje até... Há o Medronhal, o Cabeço do Medronhal. [AB]Que é um, um{fp} medronhal

INQ Mas havia cá medronhos?

INF Dá, lá [AB]no]. Há um medronhalzinho, guardado ainda do tempo dos senhores Arcanjos. (No tempo dos senhores Arcanjos, guardaram aquilo lá. Aquilo [AB]ele era] (ele) era tudo mato antigamente, depois arrotearam e deixaram aquele bocadinho ali. Ainda hoje se lá se conserva aquele bocadinho no meio dos Barros – Barros, isto é, de sementeiras, terras de sementeiras. Lá {IP}ta=está] aquele quadrado; é só medronheiros; não {IP}ta=está] lá mais nada. Só medronheiros dentro daquilo. E deita lá medronho, o medronho, ou os medronhos.

INQ Olhe, e então a esgalha era o quê?

INF Esgalhar era cortar {pp} a lenha {pp} para renovar o sobreiro. Porque o sobreiro se não for tratado – {pp} como tudo, como tudo na vida –, se não for tratado, chegam a pontos, phhh, começam-se a perder. Começam a secar. E secam-se. {IP}'tẽwsi=Estão-se] a secar muitos, muitos, muitos. E muitos [AB]des-], dessas secas que por aí há, muitos dizem: "Ah! É moléstia". Sim senhora! Que seja uma

moléstia! Mas a moléstia é derivado {fp}... Não é como eles faziam antigamente. [AB|(Hoje, o tempo)] Os lavradores aqui, na nossa área e nas outras áreas, tinham gados, tinham... Não tinham tractores, tinham {fp}[AB|b-] bois e {fp} parelhas e era tudo lavrado todos os anos... De anos a anos, era lavrado e semeado! E por cima de, por exemplos, quinze, dez a quinze, a dezasseis anos, ou de vinte em vinte anos, passava uma folha de esgalha, ficavam esgalhados. A árvore {pp} rebentava de novo, ficava toda...

Código de identificação do ficheiro: LVR03-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 01 lado: A min: 314-348	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: A cortiça	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 03	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INF Eu vou-**{PHli=lhe}** aqui mostrar uma coisa. **{pp}** Eu vou-**{PHli=lhe}** aqui mostrar uma coisa.

{pp} Ora vê! **{pp}** **{PHlnẽ=Não}** queira comparar uma cortiça destas **{pp}**

INQ1 Ah pois!

INF com uma cortiça destas!

INQ2 Com essa! E pá! Esta é muito melhor!

INF Com certeza!

INQ2 Esta é aquela que faz umas rolhas muito boas.

INF Estas é que são as cortiças boas, que é com isto que eu trabalho.

INQ2 Então, e qual é a diferença? Não, eu, eu estou a ver...

INF **{fp}** Pois.

INQ2 Mas qual é?... Como é que se arranja duma ou doutra?

INF É a própria árvore...

INQ2 Que é boa?

INF É aí que eu que ia-**{PHli=lhe}** para contar. A própria árvore, num ano... Por exemplos, se esta foi tirada **{fp}**em... É **[ABlé o]** ou o nove ou o seis. Ou que seja assim, ou que fosse assim. Bom, foi tirada em seis ou em nove. Ou **[ABlem{fp}]** em 59, ou 39, ou 49, (ou o que for), **[ABlou]** ou 46 ... Bom, fosse lá (o) que fosse. Esta cortiça **{fp}**é boa. Não é melhor (que)... (É) mais ruim que aquela, mas é boa.

INQ2 Pois.

INF Mas **{PHlnẽ=não}** custa nada, quando for **{PHlɔ=ao}** fim dos nove anos, **[ABI{PHlnẽ=não}]** a cortiça **{PHlnẽ=não}** prestar. E a árvore é a mesma, os terrenos são os mesmos. Mas não custa nada um ano ser boa – porque eu sei isso – porque houve um ano **[ABlna terra]** ali na terra das Várzeas, andámos lá a tirar cortiça, e eu calhei a tirar de um **[ABlum]** chaparro – até um chaparro grande. Ai, que cortiça tão boa! Ai, que coisa tão boa! Olhe, o dono **{PHlnẽ=não}** aproveitou nenhuma. **{pp}** A gente (roubou-

a-lhe) toda. {fp} [ABlOs, os do-] Os que a andavam lá a tirar, um levava uma prancha, outro levava outro bocado, outro levava outro bocado, quer dizer que {PHlnẽ=não} aproveitou dali nada. Nada!

INQ2 Então mais valia ser ruim que era melhor.

INF {fp} Não.

INQ2 Para o homem.

INF Para ele. Para ele. {CT|pra=Para a} gente (...), (para a gente cá está) que a gente precisa de bocados de cortiça (bom) /boa\ . E esta cortiça que eu tenho aí ruim, são cortiças que me dão. Não sabem [ABlse] para que é... Depois eu já vos conto, explico o resto.

INQ2 Sim senhor.

INF Quer dizer, eu {PH|o=ao} fim de nove anos, precisamente andava nessa tirada à mesma. E sabia [ABlo cha-] o chaparro que era, porque eu [ABl tinha lá passa-] andava [ABl{PH|o=ao} pé (de)] a tirar [ABlum] uns (outros ao pé)... Não fui eu que os tirei mas levei de lá também uma prancha. E quer dizer que eu {pp} andava com aquilo {fp} de olho, para ver se era capaz de apanhar lá outro bocado de cortiça. Cheguei lá, a cortiça não prestava.

INQ2 E então porquê?

INF [ABIE é i-] E é isso é que eu me falta saber.

INQ2 Ai não sabe explicar?

INF Não sei.

INQ1 Será o tempo?!

INF Não sei porquê.

INQ2 E, e nunca acontece deixarem ficar mais tempo?

INF [ABlOutro] Outra coisa que me dizem que é... {pp} Dizem-me que é isto: quanto mais lavouras... Mas eu admira-me (essas duas) coisas, mas isto é como tudo o mais. Eu {PHlnẽ=não} sei! Eles dizem quanto mais lavouras leva [ABla] as terras, mais ruins são as cortiças.

INQ2 Pois.

INF Porque a cortiça sendo criada dentro de matos, é criada apertada. {pp} Quer dizer, {pp} uma cortiça [ABllewa] leva mesmo nove anos a criar, (mas na mesma árvore), mas se tiver mato, cria-se, fica desta grossura, e se [ABltive-] {PHlnẽ=não} tiver mato {fp}, eu digo desta. Quer dizer [ABlque] {pp} que se torna muito mais grossa.

INQ2 Se não... Como é que é? Se não tiver o mato é que fica mais grossa?

INF Exactamente.

INQ2 Se tiver mais mato...

INF Torna-se mais grossa. Tem mais criação. É mexida a terra, {fp} tem mais criação, torna-se mais grossa. É: dentro do mato torna-se mais delgadinha mas também se torna muitíssimo boa. Por isso é que dizem que a cortiça [ABlde dentro do] criada no mato, que se torna (mui) melhor. Mais macia, [ABlmais] mais {fp}[ABl-] lisa, pronto!

Código de identificação do ficheiro: LVR04-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3. ^a classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 01 lado: B min: 02-32	Inquiridor2:
Assunto: A cortiça	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 04	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ Portanto, aquilo chamam uma quê?

INF Prancha.

INQ Uma prancha de cortiça.

INF Uma prancha.

INQ E portanto, quando o senhor, quando os senhores tiravam a cortiça, depois tinham que pôr a cortiça toda em?...

INF Em pilha.

INQ Chamavam uma pilha?

INF Punham em pé. [AB|Era carregada] Era carregada [AB|com tra-] com carros de antigamente, [AB| (e hoje como é)] e agora já é com tractores, e depois andam lá uns homens a empilhar, fazem uma pilha, que é para depois ser pesada – que hoje já não é pesada; hoje já vendem tudo [AB|é a o-] é assim a olho...

INQ A olho.

INF A um tanto... É até {PH|o=ao} metro quadrado! {fp} Eles sabem, mais ou menos, que um metro quadrado de pilha [AB|tan-] tem tantos arrobas de cortiça. E então fazem aquilo já assim. [AB|Tanto, lá há as suas] Lá há as suas coisas entre eles [AB|porque] porque quem compra acha [AB|que] que tem menos arrobas de cortiça e quem vende acha também que tem mais qualquer coisa. Há sempre (aquelas{fp} coisas).

INQ Pois.

INF E antigamente não era assim. Antigamente chegava-se ali, lançava-se o peso da cortiça, iam para lá uns homens – uma porção de homens – pesar com três ou quatro balanças, pesava-se a cortiça toda e o que ela dava é que eles vendiam. Hoje já não é... Hoje já não há esta coisa (de peso).

INQ E eles não faziam fardos de cortiça?

INF Faziam, sim senhora. Que eram carregados em fardos {CT|pa|=para as} fábricas. Que hoje também já não se carrega. Hoje já também já é tudo em camionetes. {fp} Pxt! Ala! Directamente. E

dantes [AB]havia uns] era uns fardos, que vinham dentro duns [AB]luns] carros de parêlas – que havia aqui na nossa região –, carregados para Vendas Novas {CT|pa=para a} estação de caminho-de-ferro e dali saíam [AB|{CT|pra}=para as]] {CT|pra}=para as} estações, [AB|{CT|pra}=para a}, {CT|pra}=para as]] {CT|pra}=para as} fábricas.

INQ Rhum-rhum.

INF Era tudo coisas que... {fp} O antigo!

INQ Pois, pois.

INF E era assim que se governava a gente. E era assim que se a gente vivia!

Código de identificação do ficheiro: LVR05-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 01 lado: B min: 84-111	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: A azinheira	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 05	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ1 Olhe, e uma árvore parecida a um sobreiro mas que não dá cortiça?

INF Hum?

INQ1 Uma árvore parecida ao sobreiro mas que não dá cortiça?

INF É azinheira. Há a azinheira [ABle há a c-] e há o [ABlc-] carvalho. O carvalheiro. [ABlÉ u, é uma es-] É tipo de azinheira [ABlentre] entre o chaparro e a azinheira. Chama-se-{PHlli=lhe} os carvalheiros.

INQ2 Também dá boleta?

INF Dá boleta também. Aí {CTlpo=para o} norte há muito. {CTlpo=Para o} norte há muito disso.

INQ2 Mas dá outra... Mas dá uma outra coisa. Além das boletas dá umas coisas, umas bolas assim redondas... O carvalheiro, não dá? Umas, umas... Aquilo não presta para nada, não é fruto. É uma coisa que...

INF Pois. Mas, {IPlper=espere} aí... Ele há, há. Eu já tenho visto. Já vi. Deita uma bolazinha.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Mas isto {PHlnẽ=não} é... Isso é o... Há outro{fp}... Cá na nossa área não há disso. Isso é (um pouco) [ABlo tal] o tal de carvalho, a madeira de carvalho, que há muito boa, muito boa, no norte.

INQ2 Ah! Duma árvore grande.

INF Que é no norte é que há muito. Até aí – a senhora conhece melhor isto que eu, com certeza... {fp}

E há uma árvore que é... Ali [ABlem{fp} c-] no coiso, [ABlna] em Portalegre, lá na praça, em Portalegre, há lá uma árvore (montes de grande)!

INQ2 Há, há.

INQ1 É o...

INF Deita umas bolas.

INQ2 O plátano. Isso é plátano.

INF O plátano. Deita (muito) também umas bolas...

INQ2 Mas não é esta que a gente está a falar.

INF Não é essa, não senhora. Não é. É um tipo disso, hem. Deita assim uma bola também.

INQ2 Deita uma bola.

INF [AB|Mas é] Deita essa bola mas [AB|dá o] dá a boleta.

INQ2 E dá a boleta.

INF Dá a boleta que é do carvalho (...).

INQ2 Que essa bola não presta para nada. É uma bola...

INF Presta. Os porcos comem quando não têm mais nenhuma.

INQ1 Coitados! Ou têm muita fome.

INF (Mas eles também) em tendem outra, não querem... Pois. Em não tendem... Em eles tendem (a) outra, já não querem aquela.

INQ2 Mas nunca lhe chamam bugalhos ou assim, não?

INF Isso é o bugalho, isso é do carvalheiro.

INQ2 Pois.

INF Mas dá a boleta. Bugalhos...

INQ2 Dá a boleta e dá bugalhos.

INF Pois, dá o bugalho. Pois.

Código de identificação do ficheiro: LVR06-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 01 lado: B min: 124-168	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 06	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INF Antigamente, os antigos, os lavradores antigos, ainda lavravam aquelas terras, ainda semeavam umas folhas [AB]de de cevada para depois os gados comerem, enfim. [AB]Tratava-] Hoje já fazem muito é mais também isso, mas (isso) para sementeiras {CT|pɔɜ=para os} gados. Não é [AB]para, para, para] para aceifar, como se aceifava dantes. Aceifava-se isso tudo. Agora não. Agora, {pp} donde pode entrar uma máquina, vai (...). {fp} Já não há ninguém que saiba aceifar, (ninguém que aceife) /ninguém que se aceife\ . E acho bem de ter acabado essas coisas porque há as máquinas para trabalhar.
INQ1 Pois.

INF {fp} [AB]Haja] Haja máquinas para fazer o serviço!

INQ1 Claro. Pois.

INF Pois.

INQ1 Assim não ficam os homens desempregados!

INF É. Isso é que é pena!

INQ1 Pois.

INQ2 Pois. É que fazem as máquinas e os homens...

INF Essa é que é pena! Olhe que [AB]eu tenho] eu tenho [AB]uma op-] uma opinião... {pp} Bem...

INQ1 Não é só meter máquinas!

INF (Mas olhe que) eu vou-{PH|li=lhe} dizer uma coisa que eu (...) cá [AB]no meu] no meu ver...

{pp} Era uma coisa que havia de acabar cá dentro do nosso país {pp} era o fundo de desemprego e os subsídios. Isto, vamos entrar por um (bocadito) de política mas olhe que eu não sou político de maneira nenhuma. Eu não quero nada com (a) política.

INQ1 Nem eu!

INF Eu [AB]não] não tenho... A minha vida não é essa! Mas eu... Sabe porque é que eu digo isto?

{pp} Eu às vezes ponho-me a pensar: se não houvesse subsídios, se não houvesse fundos de desempregos, talvez não houvesse tanta falta de trabalho.

INQ1 Hem, não sei!

INF Não sei! {PHInẽ=Não} tem nada que saber! [ABlÉ que] É que eles tinham que resolver o problema doutra maneira.

INQ1 Hum, olhe que eu não sei se eles resolvem os problemas...

INF Ai, não, não. Olhe que não, não, não. Ó minha senhora, não me diga cá coisas dessas! Porque: (...) então se [RP|se] todo o [RP|o] povo {fp} não tivesse esta coisa [AB|dos] do fundo de desemprego, ou o subsídio para vir vivendo, que é preciso, não é, vamos lá...

INQ1 Claro.

INF Eu não {IP|'to=estou} contra isso!

INQ1 Eles... Não! Estava a ver era se havia outra maneira de resolver isso, haver trabalho...

INF {fp} Eu pensava que se não houvesse essas coisas, talvez se resolvesse melhor porque [AB|(podia)] {PHInẽ=não} havia tanta fábrica a fechar, {PHInẽ=não} havia tanto lavrador a deixar de fazer serviços – ainda havia essas coisas assim. Porque, é claro, não podia ser{fp}. É que os lavradores, vamos lá, os lavradores depois também precisam da gente. {PHInẽ=Não} é só a gente que precisa dos lavradores.

INQ1 Claro. Pois é.

INQ2 Claro. Mas isso é mesmo.

INF O lavrador também precisa da gente. (Agora aqui), o lavrador pensa assim: "Ah, venho (tirá-los) /'trá-los\` cá para tirar a cortiça que é o que rende (dinheiro)". Uma máquina para tirar ou para ceifar ou para cortar, pronto, já [AB|não querem] não queriam saber de mais nada. E antigamente já não era assim. Já precisavam da gente para cultivar, para tratar daquilo tudo, [AB|para] {CT|pa|=para as} coisas andarem para diante.

INQ1 Pois, isso é...

INF Por isso é que eu digo: [AB|se] se os subsídios (que muita gente)...

INQ1 Não, mas eles agora também metem máquinas e as pessoas vão para casa... Uma máquina faz o trabalho de vários homens...

INQ2 Pois, aí é que é...

INF Pois. Pois, centenas.

INQ2 Pois, exactamente.

INF Centenas. Por isso, se não houvesse essas máquinas...

INQ1 Se calhar sai-lhes mais barato.

INF Bom, mas aí, também, aí, dou eu {pp} com razão que haja {fp} coisa. Mas é que aí há também uma coisa: é que se houver muita máquina a fazer serviço, tem que haver homens (que estão a fazer) serviço.

INQ1 Sim, mas é muito menos!

INQ2 Mas é muito menos.

INF [AB|Quanto mais ho-] Quanto mais trabalho há, mais há por fazer, {PHInẽ=não} se esqueça disso.

INQ1 Pois. Isso também é verdade.

INF Quanto mais trabalho há, mais há por fazer.

INQ1 Também é verdade.

INF Quanto mais trabalho se faz, mais há por fazer. Isso não tenham dúvida. A gente faz um trabalho qualquer, depois tem que se continuar o trabalho. Portanto [ABlmais] quanto mais trabalho se fizer, mais trabalho há por fazer.

INQ1 Pois, também é verdade.

INQ2 Pois.

INQ1 É, é.

INF Portanto, isto é cá uma opinião minha, hem!

INQ1 Pois.

INF Lá {CT|pó=para o} lado doutras coisas, não quero!

Código de identificação do ficheiro: LVR07-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 01 lado: B min: 171-245	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O forno de carvão	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 07	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INF Quê?

INQ1 Também faziam uma outra coisa com a madeira da, das...

INF Então, a madeira...

INQ1 Das árvores, depois faziam uma outra coisa, que é para arder...

INF Madeira das árvores? Ah! Os fornos de carvão. Era o carvão; {PH^lfazẽjnu=fazem o} carvão, que ainda hoje se aí faz. {fp} A lenha é corta {PHlɔz=aos} bocados, toda assim empilhada, amanhadinha, toda molhada. Depois é tapada com junco ou palha, com qualquer maneira; depois leva uma remessa de terra; e depois leva lume. Aquilo [ABlco-] é cozido. O carvão é cozido lá. Quer dizer, [ABlé] é queimado mas apagado. Quer dizer, {PHlnẽ=não} deita lavareda.

INQ2 Pois.

INF E então sai o carvão. É. É lenha [ABlde] de azinho ou de sobro.

INQ2 Mas faziam?... O que é que faziam no chão para?...

INF É no chão. É isso. (É coisa).

INQ2 Era o quê?

INF É os fornos. Os fornos.

INQ2 Chamava-se mesmo um forno aquilo que abria no chão para pôr lá?...

INF Não abriam nada no chão.

INQ2 Não, não? Não abriam?

INF Não senhora. Não abriam.

INQ2 Ai era sempre a crescer para cima?

INF Era, pois. Cavava-se a terra... Por exemplo, fazia-se o forno: {fp} empilhava-se a lenha, fazia-se o forno assim largo por baixo, ia, ia, ia e fechava assim em bico. E depois, cavava-se a terra toda à volta e (a gente) punha-se uma camada de tojo, ou uma camada de mato, ou uma camada de palha, qualquer juncos, qualquer coisa, tapava a lenha. E depois a gente com umas pás {pp} – os trabalhadores –

terravámos os fornos. Era. Chamávamos a gente terrar os fornos. Com a pá: zumba, zumba, zumba, zumba, tapávamos até lá acima.

INQ1 Que era pôr terra lá em cima?

INF Tudo. Tapávamos tudo de terra. Tudo, tudo. Tapava-se tudo de terra. Quer dizer que depois, no fim de {IP|tar=estar} todo tapado, [AB|abre-se] abria-se uma bocazinha de lado, assim uma coisinha pequena, assim duma largura aí dum mocho destes, e (precisa-se) /depois fazia-se\ o lume... (...)

INQ2 Chamavam a boca?

INF Pois. E depois [AB|com] com os cabos das enxadas, que tinham um bico, faziam uns buracos, que é para deitar fumo, por aqueles buracos.

INQ2 Chamava-lhe o quê, a esses buracos?

INF {fp} [AB|É, o] Chamávamos os ventiladores. Os ventiladores, que era para sair aquele fumo, aquela coisa. E quer dizer que... Aí é que cozia-se o carvão. Depois, é claro, em bem o lume {pp} ganhando lá para dentro, começando a aparecer, {PH|o=ao} fim dum dia ou coisa assim, começando a aparecer fumo nos buracos, é porque aquilo andava a arder. Iam, tapavam-{PH|li=lhe} a boca logo {pp} – de terra! Ficava tudo tapado. Depois pronto. Depois cozia-se ali dentro. Tudo, tudo, tudo, tudo! [AB|Quando]

INQ2 Mas o?...

INF {PH|o=Ao} fim duns tantos dias [AB|dum]... Aquilo demorava ali {fp} umas duas semanas, ou três semanas ou quatro, conforme...

INQ2 Mas os buracos continuavam?

INF Sempre a largar fumo. [AB|Até que {fp}] Depois [AB|(aquilo), a] a terra ia abatendo. Conforme {fp} a lenha ia sendo cozida, ia a terra abatendo, abatendo, abatendo, até que abatia, [AB|e a m-] e os carvoeiros – chamavam-{PH|li=lhe} o carvoeiro, que era o que andava lá a tratar daquilo – com a pá da enxada, acalcava a terra, que é para aquilo ir sempre apertando, sempre apertando, que é para não deixar ganhar {fp} [AB|ó-] abóboda, que é para {PH|nẽ=não} arder a lenha. Arder, isto é, [AB|para {PH|nẽ=não} se] para não fazer cinza. Arder, ele é para arder, o que é que ardia em carvão. E era assim que eles faziam o carvão {fp}.

INQ2 E depois quando?...

INQ1 E depois para apagar?

INF Hum?

INQ2 Depois quando acabava de arder, quando as pessoas achavam que já estava?...

INF Depois {fp} 'esbarreirava-se' a terra toda com uns ({R|clanc=ancinhos}).

INQ2 Como?

INF 'Esbarreirava-se' a terra com enxadas. (Com tudo). Tirava-se aquelas terras tudo por cima, (donde) podia tirar, depois com uns ancinhos – porque usavam uns ancinhos de madeira, uma espécie dumas gradezinhas – zás, zás, {PH|pu'javẽw̃nu=puxavam o } carvão todo, preparavam-no, tudo, (deixavam coiso), depois era ensacado, depois {pp} {PH|o=ao} destino.

INQ2 Quem é que fazia esses trabalhos, depois?

INF {fp} Eram vários homens: por exemplo, o carvoeiro tomava conta daquilo, o tipo que tomava conta e que... Ou por conta dele, ou por conta doutro. Porque já vê, eles (já) muitas vezes eram por conta deles. Eles é que compravam a lenha, e depois coziavam-na, (e) depois {PH|vẽ'diẽw̃nu=vendiam o} carvão, pronto. O que eles ganhassem...

INQ2 Mas esse, esse trabalho de ensacar e isso tudo?

INF Era mulheres.

INQ2 Era mulheres?

INF Era mulheres. Era mulheres. Era, sim senhora. Umhas mulheres ensacavam aquilo... Pois era. E era assim que eles...

INQ1 Mas havia uma altura em que tinham que fazer qualquer coisa para aquilo não arder mais. Qu aquilo deixava de arder?...

INF Pois não. Não. [AB|Aquilo, aquilo, bem acabando, bem acabando]

INQ2 Sozinho? Não?!

INF Aquilo bem acabando de arder, deixando de (deitar) fumo, que eles sabiam que aquilo... Eles iam apartando as terras para aquilo não ganhar abóboda... Eles, aquilo, malta prática, não é, que sabe...

INQ1 Claro.

INF ({PH|sabẽnuɜ=Sabem os} dias de coiso). Chegavam ali, {pp} quando acalcavam (sempre), pronto! Deixava de deitar fumo, [AB|deix-] ardeu. Mas às vezes ficava lá lume dentro. Mas eles tiravam-{PH|li=lhe} o carvão; quando vinha algum bocadinho que tivesse ainda [AB|car-] {fp} brasa, tapavam-na de terra. Tapavam, apagava-se. Depois {PH|o=ao} fim dum dia, passavam lá, destapavam aquilo, amanhavam aquilo tudo outra vez... Por exemplos, havia bocados [AB|no, no] no próprio forno, havia bocados que ainda {IP|tav=estava} em lume, {fp} em brasa. E eles

{PH|ti'ravẽw̃nɜɜ=tiravam as} brasas para fora, punham aquelas coisas, depois tapavam de terra, pronto! Aquilo {pp} apagava-se, ficava carvão, tal e qual como o outro. Pronto. [AB|Já, já] Cozido já ele estava, só o que tinha então ainda era lume. [AB|Mas isso é] Mas isso era pouca vez, porque eles... Aquela malta sabia bem: {PH|o=ao} fim de tantos dias, chegavam {PH|o=ao} pé dos fornos, tomavam atenção [AB|{PH|o=ao}, {PH|o=ao}] {PH|o=ao} ouvido, [AB|ao] sei lá, [AB|{PH|o=ao}, {PH|o=ao}]{fp}] {PH|o=ao} ventilador, tomavam atenção...

INQ2 E chamavam-lhe ouvido também, não?

INF Ouvido; outras vezes era o ventilador, era conforme (os nomes que lhe punham). E haviam {pp}...

Viam logo que aquilo que {PH|nẽ=não} deitava lá {pp} nada [AB|nem]. Porque mesmo que {PH|nẽ=não} deitasse fumo, mas deitava a pressão. Tinha aquela pressão de calor lá de dentro, e (ele já não vinha porque já não havia), pronto! Porque a gente sabe que a lenha tem aquele gás. Aquele gás tem que sair para qualquer lado. Em ele não saindo, {IP|ta=está} apagado. Porque {fp} um bocado de pau (ou) [AB|lum-] uma brasa (que) {IP|teɜɜ=esteja} apagada {PH|nẽ=não} deita gás nenhuns. A gente põe-a aí numa braseira, se possível for, (se) for numa casa que {IP|teɜɜ=esteja} bem... Como eu já me aconteceu além em baixo: tenho umas casas além, a minha casa de baixo tem uma placa, tem aquelas

coisas e eu, no princípio, quando mandei pôr a placa, depois {pp} eu levava para lá [ABlum-] uma braseira. Um dia comecei a {IP|tar=estar} assim mal-disposto e já a mulher {IP|'tave=estava} assim também.

INQ2 Pois.

INF Digo: "Eh rapariga, eh rapariga! Então, que é que é isso"! "Homem, tenho falta de (.../N)". Abri a porta para chamar mais qualquer pessoas. Olhe, [ABl era] era o gás do carvão. Nunca mais lá pus.

Nunca mais. Pronto!

INQ2 Pois.

Código de identificação do ficheiro: LVR08-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: A min: 54-78	Inquiridor2:
Assunto: A criação de gado	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 08	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ Portanto, o senhor andou a guardar gado?

INF (Andei, sim). {fp} Guardei gado muitos anos. (...)

INQ Como é que se chamava à sua profissão, ao seu trabalho?

INF Pastor.

INQ Era pastor?

INF Sim senhora.

INQ O pastor?...

INF Pastor, há aí [AB|luma di-] uma diferença.

INQ Então explique.

INF {fp} O pastor é de guardar ovelhas. {pp} Toda a gente, chamam-{PH|li=lhe} pastores – os moirais de gado e tal, tal, tal. Mas quer dizer, o pastor que é pastor é moiral de {pp} vacas – ou, [AB|de] de ovelhas! Há o vaqueiro, que é (o) moiral de vacas; há o porqueiro, que é (o) moiral de porcos...

Portanto: eu fui porqueiro, {pp} que eu guardei porcos; eu fui vaqueiro, que guardei vacas; e fui pastor, que guardei ovelhas. E fui cabreiro, porque guardei cabras!

INQ Rhum-rhum. Sim senhora.

INF Todas essas coisas eu fiz. Tudo! (Tudo), eu fiz isso tudo em casa desses lavradores.

INQ Sim senhor. E andava sozinho a fazer esse trabalho ou?...

INF Não senhora. Tinha ajuda. Éramos dois, sempre. Quase sempre dois. Quando era, por exemplo, no outro tempo, que ordenhava-se as ovelhas, ordenhavam-se as cabras, éramos sempre dois. E as vacas eram muitas, tínhamos de ser dois a guardá-las. Quando (não), era um sozinho não dava a conta.

INQ Claro.

INF Porque à tarde, ficava um a guardá-las e vinha outro tratar [AB|do, dos p-] das manjedouras, onde elas ficavam para comerem durante a noite. [AB|Só depois é]

INQ Porque elas vinham para casa?

INF Pois, elas vinham [AB|para] para os montes.

INQ As vacas vinham?... Não ficavam lá na terra?

INF [ABIN-] Não. Ficam um certo tempo. {pp} Um certo tempo, que há (a) pastagem, (ou qualquer coisa), ficam lá... Mas certos outros tempos, têm que vir {CT|pa|=para as} cercas, {pp} (onde há) as manjedouras, que é para {pp}

INQ Sim senhora.

INF comerem durante a noite.

Código de identificação do ficheiro: LVR09-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: A min: 272-300	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: A criação de gado	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 09	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQI E portanto, o pastor andava lá a fazer o quê pelas, com os animais, no campo? Andava a...?

INF {fp} A guardá-las.

INQI A guardar.

INF Guardá-las para (elas) /{PHli=lhe} elas\ {PHlnẽ=não} irem fazer mal.

INQI Quando o pastor ia levar as ovelhas para um sítio qualquer, dizia que ia a quê? Ia atrás delas a?...

INF A tocá-las. A tocar as ovelhas para diante. Pois, a tocar as ovelhas.

INQI Pois. E como é que se chama àqueles caminhos dos?... Que são só, que são das ovelhas, que há aí pelo campo: "olha, vai ali uma"... quê? Aquilo não é um caminho de pessoas, é um caminho de quê? Que a gente nota no campo...

INF {fp} É um carreiro.

INQI Um carreiro.

INF É um carreiro. "Aí vai um {RC|carrei=carreiro}". "Vão além por aquele carreiro". Quer dizer que é [AB|uma, uma] uma espécie duma estrada. "Vão além por aquele carreiro"! "Olha, aquelas ovelhas vão além por aquele carreiro tal"! Coisas que a gente conhece.

INQI Pois.

INF Aquilo lá [AB|nos, nos, na] nas herdades, {pp} vamos lá, também não tem{fp} o nome de tudo.

INQI Claro.

INF Tem só o nome (de algumas): dos cabeços, o nome de certas covas, o nome de certas áreas. E depois aquelas estradas {pp} e aquelas veredas que há, dos gados e coisas assim, a gente diz assim:

"Olha, no carreiro tal, [AB|mo-, mon-] vai {CT|põ=para o} monte tal, vai [AB|{CT|põ=para o}]

{CT|pa=para a} várzea tal, vai para aqui, ia aí por esse carreiro"... {fp} (É. Noutro tempo), a gente dizíamos essas coisas.

INQI Exactamente.

INQ2 Mas também dizem vereda? É?

INF Há coisas que a gente... Nomes que a gente põe. {pp} Pronto!

INQ1 A vereda também pode ser de pessoas ou não?

INF Hã?

INQ1 A vereda é um caminho...

INF A vereda, [AB]isso é, isso é uma] isso é uma vereda própria donde passa o pessoal, que nem é (a) estrada... É só (para o pessoal) a pé.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF Isso hoje também já acabou. Que já não há. Por acaso se encontra uma vereda!

INQ1 Rhum-rhum.

INF Porque as veredas... É (como) aqui antigamente, a gente ia trabalhar longe, a pé, e depois íamos todos por aquela veredinha afora, deixávamos as estradas para meter pelas veredas.

INQ1 Portanto, é o mesmo que um atalho? Ou não?

INF Pois. É um atalho, mas é vereda. Um atalho é por {pp} querer dizer que {fp} acurta terreno.

[ABIE{fp}]

INQ1 A vereda, não? Era o caminho das pessoas?

INF E a vereda é a vereda donde a gente passa. O atalho quer dizer que a gente vai por aqui [AB]em] em atalho, porque é para cortar terreno.

INQ1 Pois.

INF Quer dizer, (havíamos) de dar uma volta grande, vai-se {pp} pela vereda {fp}, por aquele atalho.

INQ1 Pelo atalho.

INF {fp} Vai por aquele atalho, assim, assim.

INQ1 Sim senhor.

INF {fp} Pelo atalho – ou que seja vereda – mas é para ir cortar terreno. [AB]Não é] Não é nomes que...

INQ1 Pois. Pois, pois.

INF (É só para esse tipo). [AB]São]

INQ1 Só para dizer que é mais curto.

INF [AB]O sentido] O sentido é só [AB]para] para cortar terreno. Que hoje também já não há!

INQ1 Já não há atalhos?

INF Quem é que anda a pé?! Só eu, que vou aí pelas estradas afora (passear) de manhã... Já hoje fui {fp} mais a mulher, (fomos) passear, mesmo a chover... Mas a chuva {IP}'tavø=estava} poucozinha.

Eu [AB]nem] nem cheguei a abrir o guarda-chuva.

Código de identificação do ficheiro: LVR10-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: A min: 302-336	Inquiridor2:
Assunto: A agricultura	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 10	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ Olhe, e o, aqueles sítios onde os gados andam a comer, chama-lhe o quê? Leva o, as ovelhas, o rebanho das ovelhas para uma quê?

INF [ABlPara um, para um] Para umas relvas, que é restolho de trigo.

INQ A relva é o restolho de trigo?

INF É o restolho de trigo, é o restolho [ABlde] de cevadas... Bem, é restolho; isso é umas relvas {pp}.

Espere lá aí. [ABlÉ um-] {pp} As relvas... {pp} Pois. É isso mesmo! As relvas é terras que foram semeadas. Há os pousios – a gente vai-{PHlli=lhe} chamar, por exemplo, o pousio –, é terras que já há muitos anos que não são semeadas, nem têm árvores (nem nada). É o pousio. {IPlta=Está} em pousio, que {PHlnẽ=não} {IPlta=está} lavrada, nem {IPlta=está}... [ABl(...)] A gente pergunta uns {CTlprɔz=para os} outros: "{fp}Então andas aonde"? "Ando no pousio, em tal banda, assim, assim".

Porquê? {PHlnẽ=Não} {IPlta=está} lavrada, nem {IPlta=está} para lavar {pp}, e [ABlÉ] chama-se-lhe o pousio.

INQ Sim.

INF E há as relvas {pp}

INQ Que foi lavrada?

INF que é lavradas. Pois.

INQ Pois.

INF E há, por exemplos, nos 'barbetos'. [ABlNum 'barbeto' chama-se-{PHlli=lhe}, no, no] No 'barbeto' chama-se-{PHlli=lhe}, por exemplos, uma seara, uma terra que antigamente levava milho. [ABlE] E depois ficava esse Verão. Apanhava-se o milho e ficava, que era para ser um 'barbeto' para semear-se trigo no outro ano [ABla se-] – nesse ano a seguir.

INQ E porque é que se chama um 'barbeto'?

INF Por causa de ter sido lavrada e [ABlde {IP|tar=estar}] de {IP|tar=estar} de pousio – que {PH|nẽ=não} tem nada. [ABlTanto, era] {IP|tavẽ=Estava} de pousio, vá. Lá está a tal razão de pousio.

INQ Estava de pousio esse bocado, esse tempo?

INF Nesse bocado, nesse tempo. Que depois tornava (a ser semeado) – para semear trigo. [ABlQue ela levava] É o 'barbeto'. Que era: tinha levado milho, ou levado grão, que era para depois essas terras

{PH|pẽ'sarẽjnu=passarem o} Verão, o calor passar por elas, que é para darem a seara melhor depois

[ABl{CT|põ=para o}] {CT|põ=para o} outro ano. Depois a seara era melhor.

INQ E a essas chamava-se um 'barbeto'?

INF Um 'barbeto'. As que tinham sido tratadas – que já tinha sido semeadas! {fp}

INQ Mas é, será o mesmo que noutros sítios chamam o alqueve, ou não?

INF Bom, o alqueve chama-se {fp}... Isto há umas pequenas diferenças – ele cá na gente, cá na nossa linguagem... {fp} Um alqueve é dentro dum chaparral. {pp} Portanto, [ABlterras] terras de mato são alquevadas. [ABlHoje, hoje]

INQ E portanto deixam só, só para?...

INF Hoje já é tudo é passado à grade {pp} com tractores. Mas chama-se-{PH|li=lhe} um alqueve à mesma. Enquanto isso o 'barbeto' já é outra maneira: chama-se terra que deu uma seara.

INQ Pois.

INF Deu a seara de grão ou deu seara de milho...

INQ Rhum-rhum!

INF Já outras coisas já não é. [ABlJá depois] Porque a seara se desse trigo ou desse... Dandem trigo ou dandem cevada, [ABl]já é um] já é umas relvas.

INQ Pois.

INF [ABl]já não é] Já não é o 'barbeto'. O 'barbeto' é as terras...

INQ Portanto, é milho e depois?...

INF Grão, e fica a terra... Arranca-se aquilo, fica a terra {fp} sem uma erva, sem nada; mal aparece umas ervazitas, que é isso que o gado lá vai comer – (aquelas folhas daquelas coisas); e depois para (se) semear trigo depois logo ali em Setembro. (Pois é assim). Chama-se-{PH|li=lhe} isso 'barbeto'.

INQ Sim senhor. Olhe e nunca acontecia, por exemplo, deitarem para lá uma erva, para uma, para uma terra de, semear erva para o gado lá ir comer de propósito?

INF Sim senhora. [ABlChamam-lhe (...)]

INQ Chamam-lhe o quê?

INF Isso é mesmo próprios. É mesmo o próprio clima. Até aqui nestes olivais, ele há ali semeada. {fp} Chama-se-{PH|li=lhe} (a) essa erva, chamam-se-{PH|li=lhe}: azevém!

INQ Azevém. E àquela terra ali toda semeada de azevém chama-lhe o quê?

INF {fp} (Um) pastoreio {CT|põ=para o} gado.

INQ Pastoreio. Uma pastagem? O senhor há bocadinho falou da pastagem...

INF [AB|Pronto, era{fp}] Pastagem {CT|p3=para os} gados. Pastagens. Bom, pastagem é uma qualquer, mas aquilo é mesmo pastoreio {CT|p3=para o} gado. Mesmo uma erva [AB|para] para pastoreios.

Código de identificação do ficheiro: LVR11-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: A min: 392-412	Inquiridor2:
Assunto: A criação de gado	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 11	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ Olhe, e portanto, aquele sítio onde o senhor, que, que o senhor há bocadinho julgo que já falou de, aquelas coisas que se punham à volta para o gado estar ali dentro punham-se umas?...

INF {fp} Chamavam-se cancelas ou que (se chamava) /chamavam\ uma cerca. Pois, uma cerca.

INQ Tanto fazia para as vacas como para as ovelhas, como para?...

INF Pois. A cerca, bom, mas aí há uma coisa.

INQ Diga.

INF Há aí uma diferença. Por exemplos, para vacas é uma cerca; para ovelhas era um bardo. {pp} Um bardo para ovelhas. É um bardo, que a gente mudava-o todos os dias. As ovelhas não

{IPI'tavẽw̃=estavam} lá mais que era uma noite. Mas depois aquele esterco das ovelhas e o mijo das

ovelhas, começava-{PHIli=lhe} a apodrecer as unhas {pp}

INQ Ah!

INF e os bichos [ABlnã-] não (aguentavam). E a gente mudava aquilo todos os dias! De manhã, largava as ovelhas – [AB]saíam, mandava-as] saíam para fora – e depois mudava o bardo. Elas esperavam, que elas...

INQ Mas esses, esses bocados de bardo chamava-lhe umas cancelas ou não?

INF É cancelas.

INQ É as cancelas?

INF É feito com cancelas.

INQ É feito com cancelas.

INF Várias, porque...

INQ Enquanto o da, das vacas, já não era?

INF É a cerca.

INQ Era uma cerca?

INF Era uma cerca. É: paus...

INQ Que é com paus?...

INF Paus espetados, e arame à volta. Isso é diferente.

INQ *Esse é diferente. E esse não muda de sítio?*

INF Não. [AB|Isso nu-] Hoje ainda se usa isso. Pois, ainda se usa. Tudo, tudo ainda se usa. Hoje ainda se usa essas coisas.

INQ *Pois.*

INF E então...

INQ *Sim senhor. E portanto, as vacas à noite...*

INF Regressavam. [AB|Mas é, mas é]

INQ *Era o tal quê?*

INF Mas era de Inverno.

INQ *Só de Inverno.*

INF De Verão {pp}...

INQ *Ficavam lá?*

INF Antigamente!

INQ *Antigamente?*

INF [AB|Hoje já] Hoje já vem tudo {fp} parar (alá) às cercas, mesmo de Verão e tudo. Antigamente, as ovelhas nunca ficavam fechadas. Andavam sempre à vontade. Hoje, em chegando a gente pouco depois de o sol posto, pregam com elas dentro [AB|debaixo da] – lá {fp} nas cancelas. As vacas, em chegando pouco depois de o sol posto, catrapus, lá para dentro também das cercas. [AB|E an-] E antigamente não era assim.

INQ *Pois.*

INF Antigamente andava o moiral, só ficava com elas dentro do bardo durante o Inverno. Durante o Verão, era sempre por fora toda a noite. As ovelhas chegavam ali às tantas da noite, apaziguavam.

[AB|Deixavam-se] {IP|'tavẽw̃=Estavam} sossegadas, duas ou três horas...

INQ *Apaziguavam?*

INF Apaziguavam, quer dizer {pp},

INQ *Sim senhor.*

INF dormiam.

INQ *Pois.*

INF Acarravam. E a gente nessa altura dormia. Quando era ali {PH|o=ao} fim de [AB|duas] duas horas, três horas, de elas {IP|'tarĩ=estarem} [AB|ac-] acarradas, começavam-se a levantar, começavam a comer e a gente (ali vinha) / – ala! – vindo a\ trazê-las. Pronto! (Vínhamos) vindo atrás delas. Outras vezes, se {IP|ti'vessimuz=estivéssemos} a dormir, quando acordávamos de manhã – tantas vezes que me aconteceu! – e elas abalavam e eu não dava notícia... De manhã: "Ora, o raio das ovelhas abalaram"! Começava a escutar, ouvia o chocalho... "Olha, olha lá por onde elas andam"! (Levantava-me) /Abalava\, ia lá ter com elas.

Código de identificação do ficheiro: LVR12-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: B min: 78-99	Inquiridor2:
Assunto: O gado vacum	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 12	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ Olhe, e quando a vaca anda para ser levada ao touro? Diz que anda quê?

INF Cá a gente, cá [ABlo nosso, nossa lin-], vamos lá, a nossa linguagem: anda aluada!

INQ Anda?...

INF Aluada.

INQ Sim senhor. Olhe...

INF Porque não é! Anda com o 'ciso'!

INQ Exactamente!

INF Mas, a gente...

INQ E portanto, leva-se ao touro para o touro a?...

INF A cobrir.

INQ Sim senhor. E quando nasce um pequenino diz, chama-lhe um quê?

INF Um bezerro.

INQ Mal acaba de nascer é um bezerro?

INF Pois, é um bezerrinho. É um bezerro. Ou bezerra ou bezerro, pois. Pois.

INQ Pois. E, e depois quando cresce um bocadinho?

INF Vitelo, já. [ABI(Quando começa)]

INQ A partir de que idade?

INF {fp} A partir aí com... A vitelazinha já por talvez aí por os seus [ABlum{fp}] um ano e tal, dois anos.

INQ Ah! Já tem que ter essa idade... Até essa idade é bezerra?

INF [ABI]Já te-, já te-] {pp} É bezeros. Depois (é que) passa a vitelos.

INQ E depois?...

INF Depois, {fp} a vaca ou a boi.

INQ Quando é que passa a vaca? Com que idade?

INF {fp} Com um ano e tal, dois anos, {pp} geralmente é quando elas são cobertas. Depois é aí com dois anos coberta, ao certo. Deixam-nas criar até a aí um ano e tal, dois anos, e depois são cobertas.

(...)

INQ A partir do momento em que são cobertas passam a vaca?

INF Passam a vacas. Pois.

INQ Sim senhor.

INF [AB|Onde é que] Até que esse gado anda sempre à parte. {pp} Esse, quando é assim pessoas que têm rebanhos de (vário gado), (trazem-se) as vitelas sempre à parte, que é [AB|para] para não se juntarem com as outras vacas, por causa (.../N) do boi. Para {PH|nẽ=não} andarem, para {PH|nẽ=não} serem cobertas – enquanto {PH|nẽ=não} tiverem idade. Em tendem idade, vão {CT|pɔ=para o} rebanho das vacas que é para (ir ser) /irem ser\ cobertas.

Código de identificação do ficheiro: LVR13-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: B min: 254-275	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: A criação de gado	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 13	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ1 Olhe, aquele... Há bocadinho falou-me naqueles que iam à frente, a levar o rebanho...

INF O boi... É os da guia. Chamam-{PHlli=lhe} os bois da guia.

INQ1 O boi da guia. Só nos, nas, nos bois é que há isso?

INF É. [ABINesses m-] Nesses tipos que [ABltêm {pp}] têm gado bravo {pp} é que {PHl'têẽnu3=têm os} bois {CTlpra=para a} guia mesmo. (Que é onde estão que estão acostumados)...

INQ1 Da guia? Mas portanto, nos carneiros?... Nos carneiros não há nunca?

INF Hum...

INQ1 Não se via nada?

INF Ele havia antigamente. (Ele... Eu) /Ele eu\ vou-{PHlli=lhe} dizer uma coisa: antigamente havia, mas ele (deixou)... Há é 'emparadeiros'. O que é os 'emparadeiros'? É: isso era uma ovelha. Isso era nas {RClorde=-ordenhas}. Nas ordenhas das ovelhas é que havia uma ovelha que chamavam-{PHlli=lhe} a 'emparadeira', que ia sempre {PHl3=ao} lado... A gente vai aqui; {fp} é o aprisco – é o coiso das cancelas (onde as ovelhas vão) metidas dentro...

INQ1 Sim, sim, sim. Chamava-se o aprisco?

INF Um aprisco. E depois ia, a gente ia aqui {fp} a ordenhar as ovelhas e ia a outra, ia a acompanhar. {PHlnẽ=Não} passava nenhuma para trás. Entre a gente [ABle o, e o] e as tábuas, {fp} a ovelha ia ali e não deixava passar nenhuma para trás. Chamavam isso {pp} uma 'emparadeira'.

INQ1 E como é que?... Uma 'emparadeira'. E como é que treinava essa ovelha?

INF (Espere) /Vai\ lá. Era dum princípio, dum costume que (ainda levavam em) borregas, começava... [ABlTem] Tratava-se bem, os animais tornavam-se mansos. Abalavam de {PHl3=ao} pé da gente... A gente, por exemplos, ao meio do{fp}... Começava a ordenhar, ou{fp} coisa assim, de vez em quando, tinha umas boletas ou tinha umas coisas e dava-{PHlli=lhe}. Um bocado de pão, dava-{PHlli=lhe} um bocadinho de pão. O bicho andava sempre ali {PHl3=ao} pé da gente. Dali não abalava, pronto!

INQ1 Claro!

INF E depois azevava-se àquilo, pronto! Era (do) princípio até {PH|o=ao} resto. Era a última a ser ordenhada.

INQ2 Pois.

INQ1 Pois. Era a 'emparadeira'?

INF A 'emparadeira'. O nome (dessa ovelha era a 'emparadeira').

INQ1 Sim senhor. Mas, portanto, guias não havia nos rebanhos?

INF Não, não. (Isso assim de)

INQ1 Nos carneiros? Olhe...

INF nome de guias, só em gado vacum.

INQ1 Em gado vacum.

INF Nesse caso das corridas, para essas coisas, para aproveitar {fp}a apartar gado. (Têm os bois das guias) [AB|para, para] para levarem para aqui e para ali, e aqueles bois já são tão práticos naquelas coisas que sabem as voltas todas (àquilo).

INQ1 Exactamente.

Código de identificação do ficheiro: LVR14-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: B min: 294-305	Inquiridor2:
Assunto: A criação de gado	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 14	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ Portanto, já falou do bardo, no campo, não é? Assim, por exemplo, trazer as ovelhas para o pé de, da casa nunca se traz? Nunca há ninguém que traga?

INF Não. Trazer, [AB|trazi-] trazem-se mas [AB|nã-] não tem assim nomes que...

INQ Não há nomes para essas coisas?

INF Não, não conheço assim nenhum nome...

INQ Por exemplo, nessas grandes herdades, eles costumam ter às vezes assim uns, umas coisas tapadas para ter as ovelhas, ou não?

INF Têm. Há quem tenha. Há, sim senhora. Há quem tenha alpendoradas.

INQ Alpendoradas.

INF Chama-se umas alpendoradas, que é abertas dos dois lados, [AB|que {fp}] pronto!

INQ Está coberta por cima?

INF {fp} [AB|Se tem] Aquilo é posta [AB|em] em postes de ferro, outras vezes é em cimento, e depois leva o telhado, mas (por de lado, roto), que é para depois... Aquilo é acimentado por baixo, que é para meter lá {fp} as {fp} manjedouras, para comerem lá durante a noite; e depois {IP|ta=está} aquilo em cimento que é para um tractor passar (com uma coisa), bzzz, até limpar aquilo, (que aquilo é tudo metido) todos os anos. (...)

INQ Pois. Mas é mais moderno?...

INF Hã?

INQ É mais moderno isso?

INF É mais moderno? É agora. Agora é que usam (disso).

INQ Agora é que usam essas alpendoradas?

INF [AB|Dan-] Dantes não usavam dessas coisas. Agora é que usam isso.

INQ Ah!

INF {IP|nã=Não} é em todas as bandas, mas há tipos que usam isso.

Código de identificação do ficheiro: LVR15-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: 02 lado: B min: 306-320	Inquiridor2:
Assunto: A criação de gado	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 15	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ Portanto, há bocadinho falou... Aquela... Aquela... Aquele sítio ou aquela hora em que as ovelhas, por exemplo, no tempo do, do Verão, querem descansar a uma sombra, diz que estão onde?

INF Ah! É ao calmeiro.

INQ É o calmeiro.

INF {IP|tẽw=Estão} {PH|o=ao} calmeiro. Recolhem-se {CT|pç=para o} calmeiro. Dali das nove e meia, dez horas até às seis, seis e tal da tarde, {IP|tẽw=estão} {PH|o=ao} calmeiro. Depois, cá está, {IP|tẽw=estão} todas essas horas sem comer – {pp} porque é de Verão, não há estes dias (de pôr lã) e aquela coisa toda e comer – e depois lá se tem que se andar de noite para elas encherem a barriguita. {pp} Que é luxo que isso já não se faz! E sabe porque é que não se faz? É muito simples. É uma coisa muito simples. Todo o Verão... {fp} Dantes {PH|nẽ=não} havia mais nada senão só o trigo {pp} e cevadas, e pronto. Hoje {pp} já não é assim. Hoje, em todo o Verão, mesmo na força do Verão, há terrenos {pp} próprios, com sementeiras, com coisas, para (ele) os animais irem comer. {pp} Verde! (Durante um tempinho têm de estar sempre arrincando). Tem esses que largam de cevadas, largam de pastagens de terras [AB|do] do arroz, enfim... E as outras sementeiras, ervas sementeiras. Quer dizer que o animal já não passa aqueles necessidades que passava antigamente. Já antigamente tinha que se andar de noite com elas. Agora já não é preciso.

INQ Pois, pois, pois.

INF Tanto que elas, às vezes, passam um bocadito mais mal, mas... Pronto!

INQ Claro.

Código de identificação do ficheiro: LVR16-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: B min: 340-348	Inquiridor2:
Assunto: O gado ovino	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 16	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ Olhe, e quando chegava o tempo de, da Primavera, não sei, acho que lá para Abril ou assim, tinham que?... A lã...

INF Tosquiá-las.

INQ Diga.

INF As ovelhas tinham de ser tosquiadas. É. Isso é sempre ali em fins de Abril.

INQ Para quê? Tirar o quê?

INF Fins de Abril, tosquiar, tirar a lã. Têm que ser tosquiadas.

INQ E a lã depois, aquela lã toda inteira duma ovelha, como é que lhe chamava? A lã...

INF É um velo, um velo de lã.

INQ Um velo. E o que é que faziam depois a esses velos?

INF {fp} Depois é metido dentro dumas sacas e é vendido.

INQ Não faziam mais nada cá? Não ficava cá?

INF (Ficava nada). {pp} Cá não se faz mais nada que não [ABlatar] atar os velos, chama-se... Acabou-se de se tosquiar {fp}, ajunta-se aquelas lãzinhas todas, depois ata-se ali bem atado, porque aquilo a lã não se despega uma da outra – lá há uma ou outra que se despega mas é pouco –, ata-se, dentro duns sacos. Depois vêm uns tipos, compram-nas, levam-nas, para serem lavadas, para serem arrançadas.

(Para fazer coiso). Isso já

INQ Pois, pois.

INF [RP]já nada diz respeito cá [ABI{PHlɔʒ=aos}, aos] {PHlɔʒ=aos} lavradores.

Código de identificação do ficheiro: LVR17-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Aura Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: B min: 396-399	Inquiridor2:
Assunto: O gado ovino	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 17	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ Portanto, há alguma coisa aqui que chamem o, o rebanho de al-, de alvão ou de alavão?

INF1 Há o alavão.

INF2 É as que ordenham.

INF1 O alavão é aquelas que são ordenhadas.

INQ As que são... Portanto, as que têm leite? Que têm crias? As que tiveram crias?

INF1 [AB|As ovelhas] As ovelhas que é para serem ordenhadas é o alavão.

INQ E as outras?

INF1 As outras é {fp} o alfeiro. (Pronto). {IP|tẽw=Estão} alfeiradas, porque não têm...

[AB|{PH|nẽ=Não} têm] {PH|nẽ=Não} dão leite, são alfeiras.

Código de identificação do ficheiro: LVR18-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 03 lado: A min: 97-178	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: O porco	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 18	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ1 Olhe, já falámos dos carneiros, das ovelhas, dos bois, disso tudo, agora vamos falar daqueles que cheiram pior. Cheiram mal, quando a gente os tem em casa, que se mata, a certa altura no, para fazer chouriço e essas coisas todas...

INF É o porco.

INQ1 O porco.

INF (É os porcos).

INQ1 Se forem muitos, são muitos quê?

INF É um rebanho de porcos. É um... Pronto!

INQ1 Um rebanho de...?

INF Porcos.

INQ1 E se for uma?

INF É um porco só.

INQ1 Não. Uma.

INF Uma marrã. Uma marrã. Pronto!

INQ1 A marrã, já com filhos?

INF Não. Pode ser uma marrã sem ter filhos.

INQ1 Então...

INF É uma marrã à mesma.

INQ1 Então diga lá.

INF Por exemplos, quando a gente vai matar um {RC|p=porco}, {PH|'vajmu}=vamos} [AB|à, ao, ao] à engorda, (ao campo,) em casa do lavrador. Tem lá porcos – engordou durante o Inverno – e é agora neste tempo, já foi no mês passado, geralmente é sempre ali em Janeiro, {pp} e alguns é em Fevereiro, mas é quase sempre (ali no mês do Natal)... Vai-se lá, compra-se um porco {pp}, ou compra-se uma marrã. {IP|tẽw̃=Estão} gordos, {pp} é um porco ou uma marrã. Mas isso, isso (ele) tanto faz!

INQ1 Tanto faz. É um porco ou uma marrã. A fêmea do porco é a marrã?

INF (Pois. Pois). A marrã. Pois.

INQ1 *Sim senhor.*

INF Em estandem gordos, tanto se [AB|dá-] dá o resultado uma como dá resultado a outra.

INQ1 *Exactamente. Olhe, e o porco serve para?... O porco de casta, vá lá...*

INF Hã?

INQ1 *O porco de casta?*

INF De caça?

INQ1 *De casta? De cas-... O porco inteiro?*

INF Ah! Há o porco de casta, isto é...

INQ1 *O porco inteiro. Chama-lhe o quê?*

INF Bom, isto é o barrasco.

INQ1 *Um barrasco. E...*

INF É um barrasco, pois.

INQ1 *Quando a porca está para ir ao barrasco, diz-se que está quê?*

INF [AB|É {fp}], é o mesmo | O sistema é o mesmo: ou {IP|ta=está} com o 'ciso' [AB|lou{fp}]

INQ1 *Ou aluada.*

INF ou aluada. (...) (Precisa de ir ao barrasco).

INQ1 *Sim senhor. Olhe, e quando nasce um pequenino, chama-lhe um quê?*

INF (...) Bacorinhos. Uns bacorinhos.

INQ1 *Até que idade?*

INF {fp} Os bácoros são bácoros até ali {PH|o}=aos} quatro meses, cinco meses. Depois são bácoros à mesma, mas é já outro... Já é uns bácoros grandes, pronto! [AB|Já{fp}], pronto, já é]

INQ1 *Um bácoro e uma quê? E se for uma? Uma fêmea?*

INF {fp} {PH|nẽ=Não} há distinção.

INQ1 *É um bácoro ou uma bácora? Não dizem bácora?*

INF Uma bácora. Também pode haver quem queira... [AB|Se] Por exemplos, quererem pôr a distinção, é uma bácora. Mas [AB|{PH|nẽ=não}] geralmente é tudo uns bácoros, pronto.

INQ1 *Não se diz?*

INF Quando é assim dito, é tudo bácoros. ({PH|nẽ=Não} há nome). Mas, cá está, é como a senhora diz, se quiser pôr é uma bácora e não é um bácoro. Pronto, um bácoro é o macho e uma bácora é a fêmea.

INQ1 *Pois, pois, pois. Mas não se diz. Normalmente, diz-se os bácoros.*

INF Pois. É sempre os bácoros.

INQ1 *Olhe, e não há nada aqui que chamem leitões?*

INF Isso os leitões é {fp}... Cá está, é quando são em número certo. Quando eles {PH|li=lhe}

{IP|tẽw=estão} a dar de mamar, são bacorinhos, e depois são um certo tamanho é um leitão. Que é esses que são bons para assar. (E comer depois) assados!

INQ1 *Com quanto tempo?*

INF {fp} Isso {pp} não posso avaliar, porque {PHlnẽ=não} são coisas que... [ABl{PHlnẽ=Não}]

{PHlnẽ=Não} é cá do nosso...

INQ1 Não é do seu, do seu serviço.

INF Não é cá do uso da nossa terra, mas sei que, por o tamanho que eu tenho visto leitões assados, nunca podem ter mais que é ali dois meses, três meses...

INQ1 Isso.

INF É o máximo que podem ter. Dois, três meses...

INQ1 Olhe, e um porco... Às vezes as pessoas têm um porco em casa e a certa altura querem matá-lo e põem, dão-lhe comida melhor...

INF (Pois dão). Dão-lhe viandas {pp} com farinhas, farinhas de engorda, coisas assim. Vão tratando deles. [ABl{IPlta=Está} no] {IPlta=Está} [ABlno, no, no chi-] no chiqueiro, ou que seja,

[ABl{IPlta=está} na, {IPlta=está} na, na] pois, é no chiqueiro... Como é que era o outro nome que chamavam àquilo também? Era o nome chiqueiro. É o chiqueiro é... Eram umas cancelas onde eles estavam (lá dentro).

INQ1 Onde ele estava?

INF Onde {IPl'tavẽw=estavam}. Pois é, pois. Engordavam-nos, e depois matavam-nos. Que eu matei aqui muito porco aqui nestas casas, aqui, neste quintal. Matei aqui ainda muito porco.

INQ1 Pois.

INF Quando eu podia comer carne! Agora já {PHlnẽ=não} como. (Pois é).

INQ1 Pois. Olhe, mas quando ele está... Quando ele está na engorda não lhe chamam nome nenhum?

INF Não.

INQ1 Porco.

INF Porco. "Tenho um porco a engordar"!

INQ1 Pois. Olhe...

INQ2 E quando já está mesmo bom para, para matar?...

INF Para matar? {IPlta=Está} gordo. Pronto, {IPlta=está} gordo! "Tenho um porco gordo"! (...)

INQ2 Nunca dizem que está cevado?

INF Isso é um cevão. Isso é uma coisa que já {PHlli=lhe} dão outro nome. Isso é as pessoas cá...

INQ2 Mas isso é o quê?

INQ1 Mas é o quê?

INF É o cevão, quer dizer que é um porco que {IPlta=está} a engordar, [ABle{fp}] e as mulheres é que chamam... Dizem assim: "Tenho lá um cevão"! Que é por {IPl'tarĩ=estarem} sempre {pp} a alisar.

Porque o porco {pp} para engordar bem tem que ser muito acarinhado. Parece mentira, é que mas é verdade. O porco é um bicho – um animal, vamos lá, um bicho, não é; um bicho à mesma, mas é um animal – que tem uma certa coisa: para engordar bem, é preciso... Há pessoas – isto é coisas que eu sabia que era assim – tinham um... Uma tinha um porco ali, outra tinha outro porco além em baixo – da mesma idade, irmãos, e tal –, (por exemplo, hoje) /puseram forças\, apartavam-nos, começavam a engordá-los. Enquanto um punha seis arrobas, outro punha só quatro. E porquê? Porque um era muito

cevado e outro não era cevado. Quer dizer que um era passado, pelas mulheres, limpavam-no, {fp} (diziam: "ai meu"...) – {IP|'tavẽw̃=estavam} sempre a cevar nele.

INQI Faziam-lhe, faziam-lhe festas?

INF {IP|'tavẽw̃=Estavam} sempre a cevar nele, enquanto o porco {IP|'tavẽ=estava} ali a comer. E a outra, punha-{PH|li=lhe} o comer e ia-se embora. Parece mentira, aquilo fazia uma grande diferença. Que então era um... Chamavam-lhe um cevão. Um cevão.

INQI Que engraçado!

INF Era o porco que {IP|'tavẽ=estava} [AB|na, na] nas cancelas.

INQI Pois é. Até os bichos gostam de festas!

INF Pois gostam, sim senhora. Que havia aqui uma mulher aqui em Lavre, {pp} que até se admiravam como é que aquela mulher engordava um porco tão depressa. Tão depressa, tão depressa, tão depressa, que... Pronto! O animal era (engordar), aquilo era um instante! Porque ela passava os dias lá {PH|l=ao} pé do porco, a tratar do porco, tudo, limpar, tudo muito bem... Eles são porcos, mas também gostam das coisas asseadas.

INQI Pois é.

INF Eles são porcos mas gostam das coisas asseadas. E aquela mulherzita tratava daquilo duma maneira... (Os porcos) era dia-a-dia! Os porcos {fp} medravam ali de dia para dia que era uma beleza!

Pronto.

INQI Pois.

INF Tudo tem a sua coisa, pronto!

Código de identificação do ficheiro: LVR19-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 03 lado: A min: 178-214	Inquiridor2:
Assunto: O porco	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 19	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ Portanto já me disse que um, um...

INF Porco.

INQ Um rebanho de porcos é uma?... É o quê?

INF [ABIÉ uma] Isto é uma vara.

INQ Uma vara?

INF Uma vara de porcos, {pp} quando é na engorda.

INQ Na engorda.

INF Na engorda.

INQ Esses que andavam aí pelo campo, era?

INF {fp} É um rebanho. Isso é um rebanho. Mas quando é para... Perde aí... Perde [AB] perde o reba-] o nome de rebanho para depois ser uma vara de porcos.

INQ Para... Portanto, são porcos que estão para, estão na engorda?

INF Para engordar. Que andam a engordar. Dentro do campo, andam no campo, nas boletas...

INQ Nas boletas.

INF [ABIÉ uma bole-] É a bolela. Chama-se uma vara de porcos. Já deixou de ser um rebanho de porcos para ser uma vara de porcos.

INQ Sim senhor.

INF Por causa de ser para engordar.

INQ Pois.

INF Pois. (Que é para) isso, mais nada. É por isso é que fica com aquele nome diferente.

INQ Portanto não é para ter filhos, nem nada?

INF Não senhora.

INQ É só para engordar para comer?

INF Mas isso já não é vara. [AB]Isso é] Isso é um rebanho de porcos.

INQ É um rebanho de porcos.

INF Ou um rebanho de porcas, vá, vamos lá...

INQ Pois.

INF Mas quando é para engordar, [AB]que anda] que anda um moiral com eles a engordar como eu andei, a engordar porcos... (O porco ali)... Começa-se ali a pôr o porco ali {fp} em Setembro, {fp} na boleta, saem gordos. (Engordam). Põem-se lá porcos, por exemplos, com trinta quilos, vinte e tal quilos, saem de lá com cento e tal, ali [AB]em] em Janeiro, quando é nos fins de Janeiro.

INQ Quatro meses?

INF Pois, quatro mesezitos. A boleta, só a boleta, mais nada! Não comem mais nada que é a boleta! (A boleta).

INQ E a carne é boa? A carne é melhor?

INF Oh! É a melhor que há! Essa é que era carne! Que a gente comprava um porco, uma pá dum porco, punha-a ali dentro numa salgadeira – chamávamos a gente uma salgadeira –, com sal e coiso. Tinha toucinho (ali do) bom, todo o ano, todo o ano! Dava para um ano! Vá lá agora comprar porcos [AB]desses] desses (de agora) brancos e doutras qualidades mais...

INQ Então e os outros porcos não eram brancos?

INF Não senhora.

INQ Então eram quê?

INF Porcos alentejanos, porcos pretos. Pretos, também não eram bem pretos! Eram ruiuos.

INQ Cinzentos.

INF Pronto! Há o porco preto {pp} – também saíam alguns pretos, mas isso era (...)

INQ Ah!

INF Mas é o porco ruivo.

INQ Porco ruivo. Já sei qual é.

INF Pois. [AB]E a, e a] Porco alentejano, vá. Que é mesmo o próprio nome [AB]do por-] do porco alentejano.

INQ Pois, pois, pois.

INF E há outro porco branco, que era [AB]lo porco] o porco que veio aqui do norte. (Que os) do norte é que usavam muito isso (desses) porcos. [AB]E até para]

INQ É.

INF Até {PH}li=lhe} digo: para usar no chiqueiro, dão talvez mais resultado que

{PH}l'davẽw̃nuz=davam os} outros. É que davam mesmo mais resultado! Engordavam mais depressa.

INQ Pois. Agora para andar no campo?

INF [AB]l{IP}tẽw̃=Estão} mais] Os outros (estavam) mais porcos para andar no campo. Durante o Verão, andavam na respiga, que era a comer as respigas de coiso, andavam na relva e, chegando o tempo da boleta, começavam a comer boleta, engordavam. (Quer dizer que) só tinham... O dono só tinha despesa {pp} com o moiral durante o ano. {PH}lnẽ=Não} tinha mais despesa nenhuma; não {PH}li=lhe} dava mais nada durante o ano. Pronto.

INQ Pois.

INF Era só nos restolhos dos trigos, nos restolhos, [ABlnas] nas ervas {fp}... E depois chegava-se o tempo da boleta, começávamos nos restolhos – é claro, (os restolhos é ali) em Agosto, Setembro. Assim que começavam a pingar as boletas – o tal bastão – começava a aparecer, eles começavam a comer, engordavam os porcos, pronto.

INQ Muito bem.

INF Quando era ali em Janeiro, tinha ali duzentos, ou trezentos, ou isso – conforme fosse a herdade –, porcos gordos, (e) isso estava ali tudo a andar.

Código de identificação do ficheiro: LVR20-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 03 lado: A min: 237-247	Inquiridor2:
Assunto: O porco	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 20	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ Olhe e o, o coiso, o, o porco chega a uma... Portanto, quando ele já, o cevão, por exemplo, quando ele está, quando já está gordo, chega a época de quê?

INF {fp} É a época da matança. Pois. {fp} É (...), (é isso).

INQ E o senhor costumava matar?

INF Eu matei muito [AB|muito] (porco).

INQ Como é que?...

INF Até uma certa altura que [AB|eu] podíamos comer carne. Mas depois nem a mulher nem eu não podemos comer, porque faz mal à gente...

INQ Pois.

INF A mulher tem um estômago muito ruim, muito fraco. E eu também [AB|não] não sou assim muito coiso. Eu, eu posso comer; mas {pp} {IP|tar=estar} a comprar um porco, {pp} na idade em que estamos, já {PH|nẽ=não} dá.

INQ Não.

INF Já {PH|nẽ=não} dá, não senhor. Assim compro um porco todas as semanas, vou ali {PH|o=ao} talho, compra-se ali um bocadinho de porco,

INQ Exactamente. Pois.

INF quando é preciso...

INQ Claro.

INF Pronto! E está a festa feita. [AB|Porque já não se] Mas eu matei muito porco. Comecei a matar (logo) /muito novo\ muito cedo. Mas agora já não pode ser.

Código de identificação do ficheiro: LVR21-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 03 lado: A min: 292-307	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: O porco e a matança	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 21	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Abr.02

INQ1 Depois não há uma outra tripa, que é entre a tripa grossa e a tripa delgada, uma coisa assim mais grossa...

INF Ai, [AB]lisso é o] isso é o coiso, é o bucho.

INQ1 Há o bucho...

INF Pois, isso é o bucho. Isso, {pp} havia dantes quem enchesse o bucho de carne, dessa carne [AB]de, de] da linguiça, vá.

INQ1 Pois.

INF Da (de pimentão), temperada.

INQ1 Sim.

INF [AB]IE há] E há aquela chouriça grossa que é feita do sangue. Isso é... Eu gosto muito dessa (chouriça)! [AB]Agora]

INQ1 Feita só de sangue?

INF Feita do sangue e carne, {IP]ta=está} claro.

INQ1 Uns bocadinhos de carne.

INF Mas [AB]nã] não leva pimentão!

INQ2 Pois.

INQ1 É preta?

INF É preta.

INQ1 É preta.

INQ2 Ah, essa é bem boa!

INQ1 Eu também gosto muito.

INF (Agora no outro dia) fui a Montemor, fui lá {PH]o=ao}{fp} coiso... Há tantos anos [AB]que eu não vi-] que {PH]nã=não} comia daquilo! Olhe, trouxe logo de lá três chouriças! {pp} [AB]Lá ao super-] Lá àquele mercado Intermarché, ou qualquer coisa assim, que está ali em Montemor?

INQ1 Ah!

INF Trouxe logo de lá três chouriças. Baratas! Baratinhas! Até me explicaram (o) que está aí para fora... É muito mais barato! Eu é que não tenho possibilidades de ir todos (os dias). (Porque) a gente cá, avia-se lá [ABImuito] um grande bocado mais barato do que é o de cá. Mas, quer dizer que o que lá vou poupar, gasto-o na camionete.

INQ1 Mas é aonde? É aonde?

INF (É) ali em Montemor.

INQ1 Em Montemor.

INF (Aquilo é o bilhete para ir)... Daqui donde moro, para ir lá, tinha que pagar quinhentos mil réis ou quinhentos e tal (...).

INQ1 Pois, não vale a pena.

INF Quer dizer, na camionete. Quer dizer, aquilo que o que eu lá ia poupar {pp}, gastava...

INQ1 Gastava-o na camioneta.

INQ2 Gastava na camioneta. Não vale a pena.

INF Não merece a pena. Pois não merece a pena.

INQ1 Sim senhor.

INF Olhe, dias que eu lá vou, vou logo lá. Dias que tenho de ser obrigado a lá ir por qualquer coisa, vou logo lá comprar carne.

Código de identificação do ficheiro: LVR22-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aura Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 03 lado: A min: 390-391	Inquiridor2:
Assunto: O porco a matança	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 22	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Mai.02

INF É tão pouco bom o toucinho, grelhado!

INQ É bom, é!

INF Só é pena eu não poder comer.

INQ Então, como é que chamavam às...

Código de identificação do ficheiro: LVR23-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Aura Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 03 lado: B min: 202-257	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: As aves de capoeira	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17A faixa: 23	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ1 Olhe, e como é que se chama aquele ovo pequenino, quando elas estão para acabar de pôr ou para começar a pôr?

INF1 Hã?

INQ1 Há um ovo muito pequenino...

INF1 Há! Elas punham aqueles ovos pequeninos {fp}.

INF2 {fp} Ah, as minhas também punham.

INF1 (Diz que havia)...

INQ1 Isso é...

INF2 Eu sei lá! Um ovo pequenino!

INF1 É um ovo pequenino! Pronto!

INQ1 E aproveita-se para alguma coisa ou não presta?

INF2 Nada!

INF1 Não.

INF2 Aquilo {PHInẽ=não} tem... É só a clara.

INF1 É só a clara. Aventava-se (...).

INF2 É só a clara; {PHInẽ=não} tem (gema); a gente aventava aquilo; não aproveitava aquilo.

INF1 Não se aproveitava nada.

INQ1 Sim senhor. Olhe, e nunca diziam também que lá tinha dentro uma coisa má? Dentro daqueles ovos? Tinha lá bichos ou que nascia bichos daquilo?

INF1 Ouvia dizer. Até ouvi dizer (isso), mas eu nunca sei... Quer dizer, (eu) tive experiências...

INF2 Ah, há quem (diz) /disse\. Há quem diga isso, mas eu aí já os vejo partidos e {PHInẽ=não} vejo lá nada disso.

INF1 Eu com experiências [ABlde] de saber, não. O que acontece...

INQ1 Mas ouviu dizer?...

INF1 Oh! Então não ouvia dizer que tinha lá uma lagarta dentro, um lagartozito, uma lagartixa, qualquer uma coisa. {fp} Pronto! Tinha lá qualquer bicho.

INF2 Ah! {PHInẽ=Não} tem nada!

INF1 A gente partia assim esses ovos, nunca achámos lá nada; a não ser que tenha um certo tempo para criar aquilo.

INQ1 Claro.

INF1 Vamos lá. Até que (a galinha) pode pôr (ali) um ovo daqueles e ele {IPItar=estar} ali, por exemplos, uns dias (e) {PHIo=ao} fim duns dias já aparecer isso.

INQ1 Pois.

INF1 Nunca aconteceu com a gente, mas não sei. Pois.

INQ1 Não. Não, mas isso é uma... São coisas que se contam.

INF1 É ditados que se dizem.

INQ1 É ditados que se dizem. Era só para saber se aqui também se dizia?

INF1 [ABIE às vezes até podem] Às vezes, até pode ser verdade mesmo.

INQ2 Pois.

INF1 Às vezes, até pode ser verdade. Que há coisas que a gente {pp} diz e que ouve-as contar e depois diz assim: "Ah, isso {PHInẽ=não} pode ser"! E mais tarde {pp} acredita nelas.

INQ1 Pois.

INF1 Que eu ainda {pp} aqui há uns anos ouvi [ABluma, uma] uma conversa, {pp} e depois vim para casa, vim experimentar – ele ninguém me era capaz de abrir a cabeça para meter aquilo cá na cabeça dentro, dentro da cabeça – e eu {pp}: "Não pode ser! Isto é impossível"! E vim experimentar e deu resultado. É, {pp} por exemplos – as senhoras podem até pensar que isso que é mentira também –, {pp} aqui temos plástico, plástico, ponho uma pouca de água dentro, ato, depois ponho-o em cima dumas brasas, aquece a água e {PHInẽ=não} queima o plástico.

INQ1 Ah!

INQ2 Ah!

INF2 É verdade, é!

INF1 Aquece a água, pronto! Põe a água ali a ferver se for preciso!

INQ2 Ah!

INF1 Dentro do plástico [ABle] e {PHInẽ=não} queima. Então eu alguém me era capaz de fazer (uma conversa dessas)?! Alguém me era capaz de meter na cabeça [ABlque o, que o, as] que o plástico aguentava ali? {PHInẽ=Não} pode ser!

INQ1 Que engraçado!

INF1 {PHInẽ=Não} pode! Que eu vim para casa, vim fazer isso...

INQ1 Mas nas brasas, mesmo da braseira?

INF1 Mesmo de cima das brasas. A gente vai...

INQ2 Em cima? Deixa-se lá em cima?

INF1 Sim senhora. Põe {pp} (o coiso da) água, ata aquilo assim – a água que quer, ou um plástico grande, ou um plástico pequeno, (o plástico que quiser); ata-o; atou vai – [AB|ali onde] ali donde haja lavareda não; (onde esteja) brasas, ou brasinhas tudo ali muito bem (...) –,

INQ1 Sim.

INF1 prega com aquilo em cima. (Deixa estar), {pp} daqui a bocado está a ferver! – ({IP|ta=Está} quieto)! – E depois puxa...

INF2 Até se vê a água a ferver!

INF1 Depois agarra no plástico, desata-o {pp}... Pronto, {IP|ta=está} água quente!

INQ2 Ah!

INQ1 Olhe que eu também me custa a acreditar!

INF1 Pois! É isso é que é as tais coisas que a gente (às vezes)...

INF2 Acredite que é verdade! Experimente e vai a ver se é verdade (ou não é).

INF1 É as tais coisas que eu digo que (é) /há\ coisas [AB|que a-] que acontecem que a gente às vezes de maneira nenhuma...

INQ2 Que engraçado!

INF2 E a gente já experimentou!

INQ2 Não acredita!

INQ1 Claro!

INF1 De maneira nenhuma se convence! E só, só assim é que ...

INQ1 Só vendo!

INF1 E eu, por acaso, é verdade. Que eu sei (...) que é verdade que eu (já fiz já isto).

INQ2 Porque já fez?

INF2 A gente já tem experimentado.

INF1 Eu, digo: "{PH|nẽ=Não} pode ser! Eu tenho que experimentar"! Eu fui. Vá uma pouca de água dentro de um plástico para dentro das brasas...

INF2 O meu marido quando veio para casa e que foi fazer aquilo, dizia-{PH|li=lhe} eu assim: "O

homem {IP|ta=está} parvo! Então {PH|nẽ=não} vê que aquilo que se queima"!

INF1 Mas {PH|nẽ=não} se queimou! E aqueceu!

INF2 Mas {PH|nẽ=não} queimou! E aqueceu a água.

INF1 (Foi) /Pois\ . E eu, alguém me era capaz de convencer disso!

INQ2 Pois, pois, pois.

INQ1 Eu também vou experimentar.

INQ2 Também. Pois é.

INF1 Um dia, arranje umas brasazinhas.

INQ1 Ai, arranjo, arranjo.

INF1 uma braseira, uma coisa qualquer, e agarre num plasticozinho, ponha lá em cima, vamos lá a ver se aquece a água ou não aquece – e {PH|nẽ=não} queima o plástico!

INF2 Não pode é deixá-la cinco minutos que acaba a água {PH|li=lhe} falte.

INQ1 *Pois claro. Claro, claro.*

INF2 Em tendo a água em cima, depois o plástico cheio de água (não arde).

INQ1 *Pois, pois, pois. Claro.*

INF1 [AB|Se tiver] Se tiver um bocado, por exemplos, haver um bocado de plástico

INQ1 *Que não tenha água nenhuma, aí, claro...*

INF1 (que fique) assim dobrado, assim – não é? –, (não enche aqui de água)...

INQ1 *Pois, isso não pode ser.*

INF1 Mas isso não acontece porque (enchem-no)...

INQ2 *Pois.*

INQ1 *Pois. Num saco desses não acontece.*

INF1 Pois. Não acontece. Mas se acontecesse, pois com certeza que queima.

INQ2 *Pois, claro.*

INF1 Ou, por exemplo, da parte de cima, se tombar e ficar, {fp} (ele) arde com certeza.

INQ2 *Pois, claro.*

INQ1 *Claro.*

INF Pois, mas com a água ali dentro, {pp} pode fazer à vontade, que eu tenho essa certeza absoluta, mesmo.

INQ1 *Ah! Vou experimentar. Vou experimentar.*

INQ2 *Que engraçado! Que engraçado!*

INF1 que não, não... Pronto!

INQ1 *Pois é.*

INF1 São as tais coisas que {PH|li=lhe} parecem (completamente)... (Como) o caso agora do ovo...

INQ1 *Pois.*

INF1 O caso agora do ovo! Até pode ser {pp} de aparecer esses bichos lá dentro {PH|o=ao} fim dum certo tempo; mas como eu, {fp} nunca se fez lá isso –

INQ1 *Pois.*

INF acabavam de {fp}elas pôr, a gente partia-os, deitava-os –, não sei. Portanto, pode até acontecer [AB|mas] mas isso já eu...

INQ1 *Já?...*

INF1 São coisas...

INQ1 *É outra coisa. É.*

INQ2 *Pois, pois, pois.*

INF1 Podem acontecer.

Código de identificação do ficheiro: LVR24-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Segura Cassete nº: 04 lado: A min: 02-108	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17B faixa: 01	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Mai.02

INF [ABI|Princípio] Por exemplo, no fim de Fevereiro, princípio de Março, até tantos de Maio,
{PH|nã=não} comíamos mais nada. Era só as túbaras, túbaras, túbaras. (Eh pá)! Aquelas túbaras...

Gosto muito de as achar mas lá...

INQ1 Mas não gosta de as comer?

INF (De) as comer, não, não, não, não.

INQ1 Pois.

INF Não senhora. (De) comer, não.

INQ1 Ai eu gosto tanto de túbaras!

INF Como, uma vez – a mulher gosta e eu como (uma vez por outra).

INQ1 E eu gosto tanto de túbaras.

INF Mas, lá dizermos assim: "Vou às túbaras"! Vou e depois (de aí a bocado) dou-as. De resto (não há quem me bate os onze quilos).

INQ2 Qual é o tempo de apanhar as túbaras?

INF Hã?

INQ2 O tempo? Em que tempo é que se apanha?

INF É agora do princípio do... Meado de Março! Meado de Março até {fp} tantos de Maio. Depois em chegando de Maio para diante já não...

INQ1 Mas é...

INQ2 Estava, já estava a ver a ver se havia agora?

INQ1 Como é que o senhor, como é que o senhor encontra?

INF Ah, encontra-se bem. A gente arranja... Eu até tenho aí umas cacheirinhas preparadas para isso.

E a gente vai com a cacheirinha com um bico dum lado e tem uma cacheirinha do outro lado.

INQ1 Uma cacheira? O que é uma cacheira?

INF Uma cacheira? Pode ver uma. É aquilo que {IP|ta=está} além naquela, naquela... Aqueles paus que {IP|tẽw̃=estão} além no coiso.

INQ1 Ali?

INF Pois. Mas aquelas são preparadas logo para isso. Depois a gente bate assim, onde {IP|ta=está} a túbara, toca a oco.

INQ1 Então mas o senhor bate no campo todo?

INF Todo. Vou sempre batendo.

INQ1 Ou só bate nalguns sítios?

INF Troz-troz-troz-troz-troz! Troz-troz-troz-troz-troz! (Ele) acha-se. Mas eu agora já não uso isso assim. Sabe porquê? Porque eu não oiço.

INQ2 Ah!

INF Já não oiço. (Oiço muito)...

INQ1 Pois, pois.

INF [AB|Ma-] Agora já eu usei outra técnica: é {CT|kũ=com um} pau {CT|kũ=com um} biquinho {pp}, onde a gente vê aqueles altozinhos: "Oh, uma túbara"! Ali {IP|ta=está} um outro altozinho, {fp} uma túbara. Porque donde {IP|ta=está} a túbara, a terra {IP|ta=está} macia, vai abaixo.

INQ1 Ah!

INQ2 Ah!

INF E a outra não vai.

INQ2 Pois.

INF1 E a gente anda (aqui, vê isso) ali...

INQ1 Mas tem que ser uma terra especial ou não? Pode ser barro?

INF Areia. Umas terras de areias.

INQ1 Ah, areia!

INF Terras de areias. (Pois). Porque daqui para este lado não há túbaras. E aqui para este lado, {CT|pɔ=para o} lado dos chaparrais já há túbaras – (ouviu)? Hoje está... [AB|É] Veja lá o que as coisas são. De manhã falámos a esse respeito, nos chaparrais. Há aqui [AB|luma] uma herdade que é logo aqui pegada – que é a herdade das (Antas e os Cimarros) – {fp}, [AB|e] e há ali [AB|luma] uma área, um nome, que é a Chã Bonita. Chamam-lhe a Chã Bonita – não tinha um chaparro! Tinha um chaparro aqui, outro além, longe. O resto era arneiros, que a minha mãe ia para lá achar as túbaras {fp}. Íamos para lá [AB|to-] toda a época, todos os dias (se) para lá ia achar túbara. {pp} Hoje, não há lá túbaras. Porquê? Os chaparras estão todos pegados (uns aos outros) – um chaparral pegado!

INQ2 Ah, pois.

INF Chaparral, pronto, (está dito)! Pronto, acabou-se!

INQ1 Portanto, já não tem túbaras?

INF Os arneiros, acabou-se.

INQ2 Pois, pois, pois.

INQ1 Pois.

INF [ABIE então] E então tenho uma história muito boa. [AB|Tem uma] Aquilo a túbara, em chegando [ABla uma certa] a uma certa{fp} idade, começa a crescer, a crescer, e começa a arrugar a terra – como os cogumelos, (numa hipótese)!

INQ1 Pois, pois, pois.

INF Quando começam a aparecer começam a arrugar a terra. E então a minha mãe, quando era já (no) /mui\ tarde, [ABland-] eu andava mais ela, e dizia-me assim: "Olha, Aramis, arranca esta túbara"! Eu ia, arrancava. "Olha ali aquela! Arranca"! [ABIE ela] E ela ia batendo àquelas que estavam mais fundas.

INQ1 Pois.

INF Que ela conhecia muito bem aquilo. E eu ia arrancando. {fp} E eu, mau, travesso, o que é que eu me havia de alembrear? Arranjei um pau, {pp} um biquinho, por trás assim da minha mãe – ia quase sempre por aquele lado, depois vinha para cá (pelo outro lado) –, e eu ia, espetava assim e arrugava a terra...

INQ1 Ah!

INF (Deitava). A minha mãe vinha de lá: "Deixa estar! Deixa-a estar! Está (guardada)"! E noutra: "Ah! Que raio! Então"!? Era eu que tinha arrugado aquilo. Mas ela que me apanhou a fazer esse trabalho!

INQ2 Ah, ah!

INF Ó rapaz, levei cá uma data de estaladas das grandes, ({PH|'mujtè=muito} bem aplicadas)!

INQ1 Coitadinho!

INF Ainda hoje, {IP|ta=está} lá esse arneiro. Ainda o ano passado lá fui às túbaras, achei lá túbaras, e eu lembro-me... [ABIEu, eu] Chama-lhe a gente [ABlo artur-] o arneiro do medronheiro. É {fp} aqui um bocado desviado, mas em cada vez que lá (caço), lembro-me (de ter levado uma estalada) (...).

Andar a enganar a velhota!

INQ1 Pois.

INF (Então, ao mesmo tempo) os gaiatos... Pronto! (...)

INQ2 São assim.

INQ1 Só se lembram de fazer essas coisas... É mesmo assim.

INQ2 É a brincadeira.

INF Brincadeiras e coiso! Ideias dos gaiatos! Eu via-a a andar a esgravatar aquelas coisas (ali), arrugadas, com um pau, (arrugava-as eu) /arrugava aquilo\.

INQ1 Arrugava o senhor.

INF Arrugava a terra só [AB|para] para (a) fazer a velhota esgravatar.

INQ1 Pois, pois, pois.

INF Ela começou a andar duvidosa, vai assim – olhou-me, viu-me eu andar a fazer –: "Ah, é?! Então deixa. Toma". (Vá um par de estaladas).

INQ1 Pois é. Os miúdos só se lembram de fazer coisas...

INF (Pois). Coisas... (E vê), gosto muito de ir às túbaras! Gosto mesmo de ir às túbaras! Mas então comê-las, comendo uma vez: "Uhm, uhm, não, não quero mais. Não, (não quero)".

INQ1 Pois.

INF Dou-as aí às velhotas. Eu – vocês não precisam de saber, os senhores não precisam de saber nem nada disso – mas (...) eu sou assim.

INQ1 Pois.

INF Eu sou um bocadinho traquina, às vezes, teimoso, sou assim nessas coisas, mas {pp} tenho um coração [AB| muito] muito bondoso.

INQ1 Pois.

INF Porque eu... Aí essas velhotas todas, eu tudo... Olhe, em chegando o tempo das pinhas, vou às pinhas, dou um saco ou dois de pinhas às mulheres para elas acenderem o lume (em) todo o ano. Por exemplos, quando eu tenho... Tenho ali uma horta, há marés que eu tenho couve, batatas... Quando chegando o tempo das batatas, arranjo um taleiguinho de batata – um saco de batatas –, vou dar aí a todas essas velhas que aí estão...

INQ1 Pois, pois.

INF Essas que são velhotas que precisam, dou.

INQ2 Pois.

INF E hortaliças. Chegando o tempo do feijão-verde – tenho sempre, semeio; a horta é grande e eu semeio {pp} cá pelas minhas mãos, faço o trabalho pelas minhas mãos –, depois vou. Em {IP|têdu=estando} (no tempo do feijão), apanho uma porção de feijão, (por exemplo, logo) ali dois quilos, um quilo e tal a cada (uma) – "vá"! a esta, àquela, àquela, à outra – para mos comerem.

INQ1 Pois. Claro.

INQ2 Pois com certeza.

INF Então e eu deixo-o estragar?

INQ1 Claro, claro.

INQ2 Pois claro, pois claro.

INF Tenho alguma necessidade disso? Vender, também não engordo!

INQ1 Pois.

INQ2 Vender!

INF (Não é de engordar)!

INQ1 Pois.

INF Eu sou assim. Eu (sonho) estas coisas assim.

INQ1 Claro, tem essa...

INF E podem perguntar aí a essas pessoas todas se eu sou assim ou se eu não sou.

INQ1 Pois, pois.

INF [AB|Tenho um] Sou teimoso, isso é verdade! Sempre em a coisa sendo cá para o lado do torto, não vai. Mas isso de maneira nenhuma! Mas, por bem, sou (uma delícia). Pronto, {IP|ta=está} tudo dito.

({IP|ta=Está} a andar). (Que eu sou uma pessoa)... Aqui {IP|ta=está} este homem... {IP|ta=Está} aqui este homem meu vizinho, {IP|tevi=esteve} aí uma data de meses – tinha ali uma horta – doente, não tinha filhos, não tem ninguém (que coiso). Deixar estragar a horta?! Eu fui lá – eu! – (agarrei ali) todos os dias, todos os dias ia à horta regar, apanhava feijão, apanhava tudo, e trazia, até que coitadito ele morreu. {pp} Pronto! E a mulher ainda hoje {fp} estima-me aí que é uma maravilha!

INQ2 Pois claro.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF E eu {PHI}'stimulɐ=estimo-a} também.

INQ1 Pois, pois.

INF E (...) ainda é cá uma minha parenta.

INQ2 Gabriela, eu acho que é bom a gente parar.

INF1 A mãe dela era prima direita da minha mãe.

INQ2 Pois.

INQ1 Pois.

INF Ainda hoje somos parentes. Tratamos por parentes. Mas eu aqui... Muitas coisas mais que eu tenho feito! {fp} Pessoas que estão atrapalhadas e eu ajudo aquilo que eu puder. Pronto!

INQ2 Pois.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois. Pois claro.

INF Ajudo aquilo que eu puder. Pronto! (O que é que quer que eu faça)? Sou assim.

Código de identificação do ficheiro: LVR25-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 09 lado: A min: 106-120	Inquiridor2:
Assunto: Ofícios e profissões	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17B faixa: 02	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ Tinha algum nome essa profissão?

INF Escute cá uma coisa: e eu agora não {PHli=lhe} sou capaz de dizer essa pergunta por isto...

INQ Pois.

INF E a razão é muito simples: temos aí uma fábrica aqui, que é a fábrica da (Ameira) – {IP|ta=está} ali {PH|o=ao} pé de Vendas Novas –, e há aqui muitos rapazes que vão para lá trabalhar. A gente diz: "Olha, fulano anda a trabalhar na fábrica. Fulano anda a trabalhar na fábrica". E lá há mais...

INQ Mas não se diz qual é que?... Pois.

INF Não conheço mais coisa nenhuma. Eu trabalhei lá dois dias! {pp} A seguir {PH|o=ao} vinte e cinco de Abril, trabalhei lá dois dias. {PH|o=Ao} fim de dois dias, vim-me embora. Não gostei daquilo.

INQ Claro. Mas portanto, não se chama um operário a isso?

INF Acho que sejam operários, pois – os operários. Acho que sejam operários mesmo.

INQ Sim.

INF Porque (isto) {IP|'têdu=estando} nas fábricas, são uns operários. Porque isso é um nome – {pp} um nome geral – de todas as fábricas.

INQ Um nome geral. Pois, pois.

INF Não é só nesta nem naquela nem noutra.

INQ Pois.

INF São operários. Isso é outro...

INQ Rhã-rhã.

INF [AB|Como] Como um carpinteiro é um operário.

INQ Pois.

INF Pois, pois. Um ferreiro é um operário. Um ferrador, que ferra bestas, é um operário. Um tosquiador é um operário. Isso são operários.

Código de identificação do ficheiro: LVR26-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 09 lado: A min: 357-365	Inquiridor2:
Assunto: O carpinteiro	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17B faixa: 03	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ Olhe, e uma outra coisa que os, que os carpinteiros têm que serve para desbastar?

INF É um cepilho. É isto que está aqui. Uma plaina. Isto é um cepilho. Isto é um cepilho.

INQ Isso é um cepilho?

INF Chama-se isto um cepilho. Mas há em grande, em madeira, chama-se plaina. {pp} E há em pequeno, que é um cepilho.

INQ Pois. E não há uma que é muito grande que os carpinteiros usavam?...

INF É {fp}. É as plainas.

INQ Também chamam plainas?

INF (Se) chama plaina – grande! Dá (aqui) para aí desta 'comprimenta' e muito mais compridas – largas.

INQ Chamam-se plainas?

INF É uma plaina.

INQ Não há nada a que chamem garlopa? Não se lembra de chamarem nada garlopa?

INF Bom, aqui na nossa área pode haver...

INQ Não?

INF [AB|Eu t-] Eu desconheço isso.

INQ Pois. Sim senhor.

INF Pois, eu desconheço. Quer dizer, {fp} isso um carpinteiro é que pode dizer todos esses nomes que é coisas que a gente não...

INQ Sim senhor.

INF A gente tirando ser uma plaina, tirando ser um cepilho...

Código de identificação do ficheiro: LVR27-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Aura Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 09 lado: B min: 126-149	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: O cesteiro	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17B faixa: 04	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ1 Olhe, então e já falámos também dos cabanejos?

INF1 Cabanejos era os cesteiros.

INQ1 Era os cesteiros que faziam.

INF1 Os cesteiros, pois.

INQ1 E faziam em quê?

INF1 Ah, faziam em{fp} verga. Era em verga. (...).

INQ1 E aonde é que eles vão buscar a verga?

INF2 Vime. Vime.

INF1 Vime, vime... Ali à ribeira, aos salgueiros, ou então a uma árvore que chamam mesmo os vimeiros – que é (uma feita)...; é um vime! É uma verga à mesma, o que é que não é de salgueiro. A de salgueiro é a desses salgueiros que há aí na ribeira. E há na ribeira também a árvore que é uma árvore de vime – que é mesmo de deitar vimes. E outras vezes, nessas hortas [AB|{IP|tavẽw̃=estavam} aquelas] havia aqueles coisos de vime mesmo próprios para isso já, para fazerem (essas coisas).

INQ1 Pois, pois, pois.

INF1 Isto hoje [AB|já] já pouco por aí há mas ainda por aí há uns vimeiros, que eu conheço ainda aí uns vimeirozinhos.

INQ1 Pois. E o?... Mas cesteiros já não há?

INF1 Hum?

INQ1 Cesteiros, já não há?

INF1 Ah! Aqui não.

INQ1 Mas houve cá também cesteiro?

INF1 [AB|Antigamente] Antigamente até aqui (dei) pouco notícia aqui de haver quem {RC|fize- =fizesse}. Quer dizer...

INF2 Também há. Há o Arcílio que também faz cestos.

INF1 Ainda há quem faça. O Armando. Quem?

INF2 O Arcílio também faz cestos.

INF1 Há ali o Arcílio, {IP|ta=está} lá o Armando, fazem. Mas já não é ao... Já não é... Quer dizer, não são aquelas coisas que não se pode {PH|li=lhe} dar o nome: "São uns cesteiros".

INQ1 De cesteiros.

INF1 Não senhora.

INQ2 Pois.

INF1 Eles fazem aquilo bem como eu, eu faço um mocho.

INQ1 Pois.

INF1 Eu (se coiso), eu faço aí um mocho.

INQ1 Exactamente.

INF1 Eu faço outras coisas e eles fazem aquilo.

INQ1 Claro.

INF1 Lá de longe em longe, cheguei lá: "Ó pá, não me és capaz de arranjar aí um cesto"? "Talvez".

(Daqui por um) tempo, vai à verga, depois faz-me um cesto, pronto. Mas {PH|nẽ=não} é nenhum cesteiro.

INQ1 Claro. Sim senhor.

INQ2 Pois.

INF1 Faz um cesto...

INQ1 E ele o que é que usa? Já viu os instrumentos que ele usa para fazer os cestos?

INF1 É navalhas.

INQ1 É navalhas?

INF1 Aquilo é tudo só à base da navalha.

INQ1 À base da navalha.

INF1 Pois. Cortam (à navalha), esfolam aquilo, ({IP|ta=está} o pau daquilo) todo esfolado – bem como além aquelas vergas, pois...

INQ1 Pois. Aquilo são vergas também?

INF1 É 'desmigolar'... Aquilo é vergas.

INQ1 De, de coiso? De salgueiro?

INF1 De salgueiro.

Código de identificação do ficheiro: LVR28-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Aura Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 09 lado: B min: 177-186	Inquiridor2:
Assunto: O cesteiro	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17B faixa: 05	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ A senhora, se calhar, tem. Por exemplo, imagine que a senhora precisa de ir comprar qualquer coisa, uma... ou levar ovos, ou guardar ovos em casa, ou guardar umas batatinhas, assim ao pé da cozinha, ou assim, tem assim um cesto?

INF1 É um cesto. É um cesto. (Tem) /Tenho\ ali um cesto.

INQ É um cesto?

INF2 É um cabaz. É uma canastra!

INF1 É um cabazinho. [AB|Eu também] Eu tenho ali uma canastra.

INF2 Tenho ali uma canastra.

INQ E a canastra é como?

INF1 É feita de também de {fp}...

INF2 Bem, eu vou lá buscar.

INF1 É feita em madeira mas (muito)... É madeira

INQ Ah! Madeira, assim lascas?...

INF1 espalmada! Pois. {fp}

INQ Espalmada. Já sei o que é. E essa é canastra?

INF1 Uma canastra.

INQ Que também se faziam aqui nesta zona?

INF1 Também, também. {fp}

INQ Também se usavam aqui? Toda a gente usava?

INF1 Antigamente faziam. [AB|Aquilo não] Eu já não me lembro.

INQ Agora já não?

INF1 Eu lembro-me daqueles, mas já não me alembro quem fizesse isso. Não senhora, não me (alembra).

INQ Pois, pois. Mas vendiam-se, e as pessoas aqui na zona usavam?

INF1 Vendiam. Havia aqui quem vendesse (e) havia essas coisas.

INQ Sim senhor.

Código de identificação do ficheiro: LVR29-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: 09 lado: B min: 249-269	Inquiridor2:
Assunto: A caça	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17B faixa: 06	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ Olhe. E, e uma coisa que se costuma fazer... Aquelas coisas que se costuma pôr para apanhar pássaros chama-se o quê?

INF Ratoeiras.

INQ Ratoeiras.

INF É ratoeiras.

INQ E às... E não se usou cá nunca uma coisa que era, pegava, como se fosse o, o pez dos sapateiros, para os pássaros ficarem lá poisados?

INF Ah! Pois. {fp} Cá nunca se usaram isso. Mas eu, por acaso, ainda há pouco tempo – talvez aí há uns {fp}, três semanas ou quatro –, dei duas latas dessas a um rapaz para apanhar os passarinhos. É visco. {pp} O visco. [ABIV-, vieram] Veio de Lisboa o meu sobrinho – {IP|ta=está} lá um, tenho lá uns sobrinhos – e trouxe. E eu que andava com a cegueira de apanhar uns passarecozinhos que aí há, que chamam 'biquelapes' e então eu...

INQ 'Biquelapes'?

INF 'Biquelapes'.

INQ 'Biquelapes'.

INF E eu {IP|'tavø=estava} com uma grande cegueira de apanhar esses pássaros, e no fim [AB|nã] {PH|nẽ=não} apanhei nenhum. Não fui capaz de apanhar e, vá, dei aquilo {PH|ç=ao} rapaz: "Olha, leva-o. Vai ver se achas (.../N) (ou outros) pássaros!"

INQ Sim senhora. É visco.

INF Então {pp}, é o visco.

INQ E, e também se usava uma coisa que era, por exemplo, pôr um pombo a bater as asas?...

INF Isso é a negaça. Isso aí, íamos {PH|ç]=aos} pombos à negaça. Isso usei a vender vivos.

INQ Olhe e para apanhar as raposas, por exemplo, também se usava umas coisas, ou aqui não se usava isso?

INF Olhe...

INQ Que era umas coisas que se fechavam?

INF As ratoeiras?

INQ Também é ratoeiras.

INF (Aquilo também) é ratoeiras. É umas ratoeiras das raposas. Isso é (a) ratoeira de apanhar raposas.

INQ Então e o que é uma armadilha? Há alguma coisa a que chamem uma armadilha?

INF Isso já é um nome que a gente diz aos outros: "Eh pá, eu tenho lá uma armadilha em tal banda"!

{pp} Pode ser essa armadilha, pode ser um laço, pode ser uma ratoeira. {fp} Chama a gente uma armadilha, quer dizer que vai armar...

INQ Portanto, uma armadilha é qualquer, é qualquer coisa que serve para armar, para...

INF Pois. {fp} Quer dizer, {PH|nẽ=não} tem nome próprio. A gente dá o nome de armadilha a uma coisa qualquer dessas que lá armou: a umas ratoeiras, a uns laços, a outras coisas assim, (nesses termos) /nesse sistema\

INQ Isso é que?...

INF a umas redes. E depois dizem: "Tenho lá uma armadilha"! {fp} (Não é)? Isso é um nome que se dá

[AB|a vários] a (várias tais coisas). Pois.

INQ A qualquer coisa, a várias coisas. Sim senhor.

Código de identificação do ficheiro: LVR30-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 09 lado: B min: 342-371	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Os animais bravios	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17B faixa: 07	
Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Mai.02	

INQ1 Olhe, e este assim?

INF Esse não conheço eu.

INQ2 Com um rabo comprido?

INQ1 Eu acho...

INF Isso, isso...

INQ1 Olhe, é uns que agora até há muitos, que aparece, a gente, às vezes, vê-os na escada...

INF {fp} O saca-rabo. O saca-rabo (ou isso). Mas o saca-rabo {PHInẽ=não} tem um rabo [ABlássim des-] assim tão grosso.

INQ1 É um?... Não?

INF Não.

INQ1 Então veja lá aqui.

INF Isso aqui é que me parece mais um saca-rabo do que (o outro).

INQ1 Pois.

INF [ABIPorque] Porque eles não... {pp} Têm o rabo muito grosso aqui.

INQ1 Rhã-rhã!

INF É outras qualidades.

INQ2 Pois.

INQ1 Mas é um saca-rabo?

INF Pode ser um saca-rabo; pode ser [ABlum, um] um ginete.

INQ1 Sim senhor.

INF O ginete também... Há um ginete também...

INQ1 Veja lá este aqui.

INF É isto, (pouco) mais ou menos, olhe.

INQ1 Olhe, eu acho que o ginete... Agarra dali.

INF É o ginete.

INQ1 Veja lá.

INF Olhe, isto é {RC|gine-=gineto} – isto, que eu já cá criei um. Quer ouvir? Eu tenho uma história muito bem (que me passo) com um bichinho destes. É disto que {IP|ta=está} aqui.

INQ1 Isto é que é o ginete?

INQ2 Isto é que é o ginete.

INF Olhe, chama-{PH|li=lhe} a gente um...

INQ1 A, D, duzentos e vinte.

INF Pois, chamam-lhe [AB|um, um] um ginete.

INQ1 Sim.

INF Um gato-bravo. Era o que a gente chamava dantes era um gato-bravo. Pronto!

{PH|mu'darĩ=Mudaram} o nome...

INQ1 E é a mesma coisa, um gato-bravo ou um ginete é a mesma coisa?

INF Um ginete é a mesma coisa. Eu criei {pp} um bicho daqueles... Andava a tirar cortiça e foge-me [AB|luma, o] a gata lá de dentro dum toco. Galgam-lhe por cima, (eh, gente), (logo), malta nova, (mesmo para dar cabo dele) com a machada {fp}, corremos (por aqui, por aqui)... Até que há [AB|lum] um sujeito, um (outro) camarada, {fp} manda a machada e mata o bichinho.

INQ1 Pois.

INF Matou o bichinho e depois {pp} ficámos todos contentes porque tínhamos matado um gato. (...)

Começo eu a olhar para a gata e digo eu assim: "Eh pá! A gata {IP|'tevi=esteve} a dar,

{IP|'tavẽ=estava} a dar de mamar. Então {PH|nẽ=não} vês os tetos (dela)? ({PH|nẽ=Não} vês aquilo aqui sujo) de leite e tudo"? {IP|'tavẽ=Estava} a dar de mamar. Era num chaparro que a gente tinha

{IP|'tadu=estado} a tirar; fui lá acima e {IP|'tavẽw=estavam} lá dois dentro do toco. Trouxe-os. Trouxe

eu um e o feitor da herdade – que foi ali nos Arneiros – levou o outro. O dele [AB|na, na] morreu, mas o meu criei-o. Criei-o até... Pronto, era um bicho do mais mansinho que eu ainda vi. Olhe,

acompanhava-me aí por dentro da vila, atrás de mim, tudo, tudo, tudo aí por fora, sempre... [AB|Num]

Havia aí uma vez [AB|num] um teatro – {IP|'tavẽ=estava} um teatro além {PH|o=ao} pé donde é a

Casa do Povo, {IP|'tavẽ=estava} lá – e quiseram-mo comprar; naquela altura já me davam duzentos mil réis por ele, era – e eu ganhava aí sessenta ou setenta mil réis por semana!

INQ1 Rhum-rhum!

INF Mas eles já me davam duzentos ou duzentos e cinquenta e eu não vendi o bichinho. Não vendi.

Criei-o até à última. E morreu de velho. (Ficou) em casa.

INQ1 Que engraçado!

INF Pois então! E depois, de vez em quando... E dava graça isto, hem! {fp} – Eu acolhi muita coisas. –

Havia mulheres aí com gatas, iam levar as gatas lá {CT|pa=para a} minha casa, {CT|po=para o} gato as

cobrir – era um gato macho –, {pp} (para) cobrir as gatas, (quinze dias). E ficou aí criação dessa

bicheza. É verdade!

INQ1 Mas isso já foi há muitos anos?

INF (Os gatos eram) muito bonitos, muito bonitos! Umas cores muito bonitas!

INQ1 Pois.

INQ2 É destes?

INF (Estas cores)... {PHInẽ=Não} é bem estas cores.

INQ1 Não é. É a outra. A outra é que está bem.

INF É isto que {IP|ta=está} aqui. Isto é que era a cor dele, era esta. Mas, mais que isto.

INQ1 E o focinho era assim também afinadinho?

INF Muito pequenito! Muito pequenitozito!! Eh! Era um gato mais bonito! Um tipo gostava muito daquilo, (mesmo coiso).

INQ1 Pois.

INF Pronto, e criou-se.

INQ1 Portanto, ginetto ou gato bravo é o mesmo?

INF O gato-bravo é um ginetto.

INQ1 Pronto. A, D, um, duzentos e vinte. Olhe, e este assim?

INF O saca-rabo já é outro. Isso é ouriços.

Código de identificação do ficheiro: LVR31-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 09 lado: B min: 404-412	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Os animais bravios	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17B faixa: 08	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Mai.02

INF Esses é os gamos, os veados. Mas, ele há aqui umas coisas... Olhe, o que a gente cá usou, o que se viu cá, houve cá muitos e ainda houve – aqui há poucos anos ainda havia – é desta {RClc=cor}. Assim malhados. Quer dizer, estes, (não sei), podem ser a mesma coisa, (que é) do mesmo tipo, mas...

INQ1 Mas tinham assim os cornos muito grandes?

INF Estes têm. Têm, sim senhor. (As corças) – os veados! Os veados!

INQ1 Portanto...

INQ2 A adenda duzentos e trinta e um.

INF As corças {PHlnẽ=não} têm!

INQ1 Duzentos e trinta um?

INQ2 E um.

INF As corças têm [ABlum] uns corninhos pequeninos.

INQ1 Ah! As corças?

INF As corças.

INQ1 Então e não será mais assim a corça?

INF Não senhora. Isto é veado. {fp} O corno é o mesmo. (Vê-se logo), ou mais pequeno ou maior, isso é outras qualidades que eu não conheço.

INQ1 Pois, pois.

INF Pois.

INQ2 Pois.

INF O que cá havia era isto.

INQ1 Pois.

INF Isto.

INQ1 E chamavam?

INF A cor... Veados.

INQ1 Esses assim chamavam veados?

INF Ou veados [AB|ou{fp}] ou 'gambos'.

INQ1 Ou gamos.

INF 'Gâmbios' ou coisa, (que é o que a gente chamava)... Mas a gente chamava

INQ1 Sim senhor.

INF o mais corriqueiro [AB|era o] era os veados.

INQ1 Sim, senhor.

Código de identificação do ficheiro: LVR32-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 10 lado: A min: 195-209	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: As aves	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17B faixa: 09	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ1 Olhe, esta é uma que dá, que aparece, que tem as patas verdes e o bico comprido.

INF {fp} É o coiso. É [ABla] a tarambola. Não é, uma tarambola?

INQ2 Talvez.

INQ1 Olhe, eu acho que tem outro nome.

INF Há a tarambolas [ABle há os] e há as coisas.

INQ2 Que também aparece nas lagoas, assim nas albufeiras e isso...

INF Pois, pois. Aparece nisso. {fp} A gente chama-lhe mais é tarambolas, as tarambolas, mas...

INQ1 Não é a mesma coisa que a galinhola?

INF A galinhola, {pp} isso é no mato – a galinhola.

INQ1 Ai, a galinhola é no mato?

INF É. E também ele dá muito ares a esse a galinhola. E isto é... Isto é abibes.

INQ1 Exactamente.

INF Então, e a galinhola também é assim naquele género, não é?

INQ1 É.

INF Mas... Também é daquele género, pronto, (como isso).

INQ1 Pois.

INF E pode ser até que seja, mas como {IP|'ta=está} [ABlaga-] agachada.

INQ1 Agachada não se vê bem.

INF Pois.

INQ2 Pois é.

INF Esse é que eu não sei (o) que é (ele).

INQ1 Ah! Sabe, sabe!

INQ2 Sabe!

INQ1 Olhe, quando foi à abertura lá para cima para o, para a Guarda, com os seus... Ai, não! Não foi o senhor. Estou a fazer confusão.

INF Tem bico de pato, {pp} mas pato não é.

INQ1 Não. Esta faz: cucu-ru, cucu-ru!

INF As rolas.

INQ1 É. Aí não está grande coisa mas, mas é uma rola.

INF Hum... Pronto! Seja uma rola. Mas olhe, {PH|nẽ=nãõ} tem, {PH|nẽ=nãõ} tem, {PH|nẽ=nãõ}

tem...

INQ1 Mas está mal! Aí está mal. Mas era uma rola brava. Essa era uma rola, era para ser uma rola brava.

Código de identificação do ficheiro: LVR33-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3. ^a classe
Informante2: Aura Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 10 lado: A min: 258-274	Inquiridor2:
Assunto: Os insectos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17B faixa: 10	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Mai.02

INF1 Havia tanto (...) disso.

INQ E uma outra coisa que cheirava muito mal?

INF1 Os perceijos? {fp} Também havia. Havia essas coisas...

INQ Olhe, e não há uma coisa parecida com o perceijo mas que aparece assim no campo, que são assim verdes, que cheira muito mal?

INF1 Pois aparece, mas eu {PH|nẽ=não} sei o nome disso.

INQ Ah! Cheira muito mal!

INF1 Aparecem, sim senhora. Cheira mal, cheiram. Mas eu [AB|não {PH|li=lhe} conhe-] não sei o nome desses bichos, não. Não sei.

INQ Sim senhora.

INF1 (Sei que) aparece. Também já tenho visto. Parece até... Parecem umas carochinhas pequeninas que aparecem {fp} de várias cores. (...)

INQ Olhe, e esse que voa?

INF1 Voam, pronto! [AB|Até, há, há]

INQ Assim grande.

INF1 Há a carocha. {fp} Dizem que depois, vindem as águas novas, {pp} aparecem uns {RC|carochi- =carochinhos}. (...)

INF2 As burras-de-São-João chama-{PH|li=lhe} a gente.

INF1 É. (As) burrinhas-de-São-João.

INQ Como é que lhe chamam?

INF1 É burrinhas-de-São-João, chama a gente.

INQ De que cor é que são?

INF1 São umas carochinhas pequeninas, assim um bocado do género disto.

INF2 Mais escuras.

INF1 Escuras.

INQ Escuras?

INF1[ABIQue a{fp}] E bem [ABIsó] só se vêem em chegando o tempo das águas novas. Por exemplos, ali em Setembro {pp}, que a gente via começar a andar a avoar, dizia: "Olha, temos água"! E temos mesmo água, de certeza. Que elas quando começarem a aparecer... Só aparecem naquela (coisa), depois somem-se; (juntam-se), enterram-se na terra [ABlou] ou por entre as moitas, ou por qualquer coisa, que a gente não as vê.

INQ E chama-lhe como?

INF1 Burrinhas-de-São-João.

INQ Burrinhas-de-São-João.

INF1 Chama-{PHli=lhe} a gente burrinhas-de-São-João.

INQ Sim senhor. Olhe, e estes assim que até têm um bico aqui à frente?

INF1 Ah! Isso é besouros. Escaravelhos ou {pp} besouros.

INQ Trezentos, A, D, um. Como?

INF1 Escaravelhas ou besouros.

INQ A, D, um, trezentos e setenta.

INF1 Pois, é tudo besouros.

INQ Olhe, e estes pretos que?...

Código de identificação do ficheiro: LVR34-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Aramis Idade: 70	Sexo: Masculino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Aura Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 10 lado: A min: 345-361	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Batráquios e répteis	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17B faixa: 11	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ1 Olhe, e onde há rãs, muitas vezes aparecem uns, umas coisas que, que têm assim uma cabeça muito grande e um rabo muito comprido...

INF1 Sapos.

INQ2 Não.

INQ1 Não. Sem... Na água mesmo...

INF2 Peixes-sapos.

INQ1 Que aparecem... Têm assim uma cabeça grande...

INF2 Pois. É 'daonde' se forma as arrãs.

INF1 (São peixes-sapos). [AB|Isso] Isso é vive é dentro de água. (Isso é vive dentro de água).

INF2 Pois.

INQ1 Pois. Exacto, dentro de água.

INF1 É só em dentro de água, não é em cá por fora.

INQ1 Como é que lhe chama?

INF1 Peixe-sapo.

INQ1 Sim senhor.

INF1 É o que faz gerar as arrãs depois. É daí que se gera as arrãs.

INQ1 Claro.

INQ2 Pois.

INF1 O peixe-sapo é (até) /o que tem\ uma certa altura. Depois cai-lhe o rabo, começa a ganhar as patinhas, pronto e mais nada.

INQ1 Sim senhor.

INQ2 E este?

INQ1 E aquele que parece uma rã mas é maior?

INF1 {fp}É um sapo.

INF2 É um sapo.

INF1 (É) um sapo. {pp} Olha, é a coisa{fp}... [ABIÉ a{fp}]

INF2 (Uma) lagarta.

INF1 Não, não é.

INQ1 Não. É assim preta e amarela.

INF1 Pois, é os...

INQ1 E que até dizem que...

INF1 Que a gente encontra-a aí na estrada, às vezes, (e coiso).

INF2 Louva-a-deus?

INF1 Não, homem.

INQ1 Não.

INF1 (É agora cá uma louva-a-deus e não mexe!)

INQ2 Anda, anda. Não voa esta.

INF1 Pois é{fp}.

INQ1 Anda pelo chão.

INF1 É{fp}... São muito nojentas, homem!

INQ1 É.

INF2 Uma lesma?

INF1 Não.

INQ1 Não.

INF2 [ABIUma sam-] Uma coisa, uma...

INF1 Sambexuga. Não é sambexuga?

INF2 Não é a sambexuga. É, é... {pp} É a... Também há na água.

INQ1 Também há na água.

INF1 Também.

INF2 É... Eu sei.

INF1 [ABI{IP|taz=Estás} muito] Também {IP|ta}=estás} cá uma esquecida como eu! Pois é. Que às vezes encontram-se aí (como) mortas na estrada. [ABI|Louva-a-]

INF2 Eu sei. Eu {RC|s=-sei} Não me lembra o nome!

INQ1 Salamanti-...

INF2 Hã? Uma saramantiga!

INF1 Não é saramantiga! É uma salamandra, como lhe chamam, vá, é uma salamandra.

INQ1 Mas como é que aqui se chama?

INF2 Uma saramantiga.

INF1 A gente chama-{PH|li=lhe} saramantigas (e) ou salamandras.

INQ1 Sim senhor.

INF1 Qualquer dos nomes... Qual é? Eu {PH|nẽ=não} sei.

Código de identificação do ficheiro: LVR35-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Áurea Idade: 59	Sexo: Feminino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Arciliano Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade: 4.ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Virorino Cassete nº: 11 lado: A min: 152-271	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: A farinha: moinho e panificação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17B faixa: 12	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ1 Pronto e traziam... Vinha a farinha do, do moinho e o que é que tinha que fazer para a?... Para poder fazer o pão? Conte lá.

INF1 Tinha que se peneirar com umas peneiras muito finas. Ficava...

INQ1 Quantas vezes é que peneirava?

INF1 Uma vez só. Só uma vez, mas era bem peneirada para cair aquele ralão. Chamavam-{PHli=lhe} o{fp} ralão.

INQ1 Mas antes disso tinham que tirar outra coisa que era para as galinhas? Que esse é que não prestava.

INF2 O farelo.

INF1 Mas isso ficava... O farelo ficava dentro da peneira.

INQ1 Ah!

INF1 E ia para uma vasilha {PHlo=ao} lado para dar {PHloz=aos} animais: ou o comer das galinhas ou {CTlprɔj=para os} porcos.

INF2 É os farelos. {pp} É os farelos.

INF1 Depois guardava-se dumas semanas {CTlpraz=para as} outras um bocadinho de massa {pp}. Ali um bolinho de massa {pp}, num pirezinho, ficava. Porque na outra semana, se se puder, aquilo era o fermento. [AB|Quando]

INQ1 Chamava-lhe fermento?

INF2 (Fermento).

INF1 Era o fermento. Ficava sempre era a obra aí de meio quilo de massa. {fp} A farinha no fim de {IP|tari=estar} {pp} toda peneirada, fazia-se...

INQ1 Mas o rolão ia também para o pão?

INF1 Ia também. Depois a gente tinha era... {fp} A minha mãe, ia lá ver: "Isso {PHlnẽ=não} está ainda bem{fp} peneirado"! E a gente toca de peneirar a farinha. Peneirávamos aquilo tudo. Fazia-se

[ABlum] um buraco assim {PH|o=ao} meio da farinha, depois o fermento que tinha ficado da semana anterior era desfeito em água morna. Até se punha assim um bocadinho de molho, desfazia-se. Ficava aquela calda. Vazava-se essa calda {pp} dentro da farinha. Depois misturava-se a farinha e embrulhava-se aquilo tudo, tapava-se e fazia-se uma cruz {CT|prɔ=para o} fermento crescer. No outro dia de manhã, íamos ver, já o fermento [AB|{IP|'tavɛ=estava} {pp}] {IP|'tavɛ=estava} muito grande.

INQ1 Sim.

INF1 Punha-se em cada [AB|quilo] cinco quilos de farinha, um punhado bom de sal. Se fosse quinze quilos, era três punhados de sal. Se fosse vinte quilos... Era todas as semanas: de oito em oito dias, todos os sábados, se fazia {fp} o pão. {pp} Levantávamos-se de manhã, aquecíamos logo a água para amassar, para não amassar com água fria, {CT|prɔ=para o} pão fintar melhor. Então [AB|na] em cima do fermento, punha-se logo as cinco mancheias – [AB|lou s-] ou quatro, era conforme os quilos – de sal. Nunca podíamos esquecer. Até levávamos logo o sal, o prato do sal lá, para se lembrarmos, para não deixarmos o pão sem o sal. Então depois era amassar, amassar, amassar ali: "Ó mãe, isto já {IP|ta=está} bom"? "Não". "Ó mãe, então quando é que {IP|ta=está} bom"? "Quando [AB|las {fp}] as pernas da tripeça suarem"! Boa! As pernas da tripeça {PH|nẽ=não} suavam; aquilo é que era amassar, amassar! Às vezes lá ia outra minha irmã mas fugia logo. Depois lá ia a minha mãe acabar de amassar e ajeitar. Amassava-se... Quando ela via que já estava bom, que desligava, não era, ia a gente, marcava ali de assim no alguidar – o alguidar era sempre maior – quatro dedos. Ali {PH|o=ao} fim de quatro dedos, punha-se ali um bocadinho de massa ali espetada. Quando [AB|la {fp}] a massa lá ia já a chegar, {IP|'tavɛ=estava} capaz de ir acender o forno.

INQ1 Diz que a massa estava quê?

INF1 A fintar.

INF2 A fintar.

INQ1 Não. Quando já estava pronta, diz que já estava quê? Quando ela tinha chegado até à altura dos quatro dedos, diz que já estava quê?

INF1 [AB|Já est-] Pronto, já estava boa [AB|para] para tender.

INQ1 Não dizem que estava finta?

INF1 Já {IP|'tavɛ=estava} finta. Por isso, {IP|'tavɛ=estava} a fintar. Já {IP|'tavɛ=estava} finta. Ia-se acender o forno. Quando o pão chegava àquele limite dali, ia-se acender o forno. {CT|prɔ=Para o} forno querem saber {pp}

INQ1 Rhum-rhum!

INF1 as ferramentas que se usavam?

INQ1 Sim senhora. Como é que faziam?

INF1 Primeiro era o forcado para meter a lenha lá para dentro. [AB|IE ace-, e tira-] Acendia-se, não era? Era o forcado. Depois era o esborralhador, que era um pau {pp} comprido, para se espalhar {pp} a lenha por todos os cantos do forno. Quando o forno {IP|'tavɛ=estava} branco, é porque já estava quente. O tecto do forno todo branquinho! Aí de assim já tinha que ser o rodo {pp}, para puxar as brasas todas {CT|pra=para a} boca do forno. O borrarho que ficava deixava-se (descontrolar) assim um

bocadinho, senão aquilo ele era brasas que {PHl^djǐěw̃nɐ=enchiam a} boca do forno. Era o rodo para puxar. Depois havia as barbas. {pp} Era sempre umas calças de cotim, velhas, atado ali de assim [ABl_{num}{fp}] numa vara, não era?...

INF2 Embrulhavam-nas em água, (porque ajuda).

INF1 Embrulhava-se em água – que senão queimavam-se, safam logo de lá a arder...

INF2 Pois.

INF1 Para limpar o forno, puxar todas as brasas, tirar a cinza, para ficar tudo muito limpinho.

INQ1 Chamava-lhe o quê?

INF1 As barbas.

INF2 {fp} Barbas. Barbas.

INQ1 É as barbas.

INF1 Pois. As barbas do forno que era [ABl_{para}] para limpar o estradozinho – para limpar o forno por dentro. Depois ia-se experimentar... Enquanto o forno ia ardendo, íamos tender o pão. Quer dizer que acendemos o... Vimos-se que a massa já estava capaz, íamos acender o forno. Enquanto o forno ia ardendo, ia aquecendo, a gente {pp} ia logo tender o pão. Ali {PHl₃=aos} bocados, conforme o tamanho que a gente queria, tendia. Punha-se ali num tabuleiro com [ABl_{um}{fp}] um panal grande – a gente chamava-{PHl_i=lhe} o panal. Amanhava-se o panal no tabuleiro, punha-se ali um pão. Depois fazia-se assim: levava dois pães; amanhã-se o outro, punha-se aqui; depois o outro já fazíamos assim. Não era assim?

INQ1 Pois.

INF1 Pois. Fazíamos assim ali o pão.

INQ1 Chamava-lhe alguma coisa, a essa coisa que ia fazendo ao panal, ia fazendo o quê? Essas...

INQ2 Tinha nome?

INF1 Não. Não tinha nome. Não tinha nome. {pp} Quer dizer que depois já o pão {IP^ltavɐ=estava} no tabuleiro – ainda crescia, ainda aumentava mais – quando íamos então limpar o forno por dentro.

Depois era a pá {pp} para meter [ABl_{o f-}] o pão lá para dentro. No fim, começava-se a pôr {PHl_o=ao} fundo, sempre, sempre, a amanhar... Quando era {PHl_o=ao} fim aí dum{fp} quarto de hora, era com um mexerico.

INF2 [ABl_{o mexe-}] O mexerico era...

INF1 O mexerico {pp} [ABl_{era}] era assim uma tabuinha assim, bicudinha daqui e bicudinha daqui e um pau aqui {PHl_o=ao} meio.

INF2 Era dois bicos assim. Dois bicos assim...

INF1 Um assim... Era assim uma tábua... Era assim uma tábua. Depois tinha... {IP^ltavɐ=Estava} assim aquilo.

INF1 Era assim uma tabuinha, assim com um biquinho assim de cada lado. E um pau. E a gente depois mexia {pp}

INF2 (Era para mexer) o pão.

INF1 o pão com este (lado), e deste lado mexia assim para o pão {pp} não colar.

INF2 {CT|kerε=Que era} para (a massa) [AB|não ficar en-] não ficar encostada.

INQ1 *Mas era como se fosse o rodo, quase?*

INF2 É.

INF1 Não. O rodo, o rodo era assim: era o pau aqui e era assim;

INQ1 *O rodo é direito. Sim.*

INF1 e aquele é o mexerico que era para mexer o pão.

INQ1 *Era só... É assim dois bicos, como se fosse uma enxada de?...*

INF1 Era assim, era assim (...).

INF2 {fp} Era isso. É isso. Isso. É. [AB|É aquele bocado] É assim um bocado de madeira assim, e depois aqui [AB|le] levava um corte assim, ficavam estes dois bicos, dois coisos.

INQ1 *Assim. Ficava assim, um corte...*

INF1 Não.

INF2 Era, sim senhora. Então [AB|o de] o da minha avó era assim.

INF1 Era... Era... Não, não. [AB|É] É uma tabuinha assim, neste género.

INF2 Empreste lá um coisa! (Empreste-a cá que ela)... {pp}

INF1 E a tabuinha fazia um biquinho daqui...

INQ2 *Tens aí algum papel?*

INQ1 *Espere aí, espere aí...*

INF2 (Alguma coisa), [AB|que eu fa-, eu faço] que eu faço-te já [AB|como é que, como é que, como é que] como é que era o {fp} mexerico...

INF1 O dacolá não era: era assim uma tabuinha direita; aqui era bicudinha daqui e daqui.

INQ *Ah!*

INF2 (É o das pontas)! Então mas eu...

INF1 Sim senhora. Então [AB|lera para, é para] era para mexer assim o pão. Era para mexer assim o pão! Assim!

INF2 (Queres ver esta)?

INQ1 *Pois. Para não tocar nos outros?*

INF1 Sim.

INF2 Não. Mas [AB|o da, o da minha] o que lá tinha na [AB|na] da minha avó, era assim...

INF1 Não, não.

INF2 Portanto, (era assim): tinha assim a tábua, ela tinha assim a coisa, assim, depois tinha assim, vinha assim, {pp} assim, depois vinha assim, vinha assim e assim.

INF1 Ah, isso parecia mais era uma bandeira!

INF2 Não, então, era {fp} assim!

INQ1 *Essa era a, era como se fosse...*

INF2 [AB|Depois, depois] Depois tinha o cabo aqui assim, aqui, para esta parte aqui.

INQ1 *Pois. Era como se fosse uma enxada de pontas?*

INF1 Pois.

INQ2 *Pois.*

INF2 [AB|IP-] Pois. Isto, isto era assim redondo, {PH|nẽ=não} era assim bicudo. {fp}

INF1 Então deixe... Pois. Então deixe-me...

INQ1 Agora faça lá a sua.

INF1 Vá lá, deixa-me cá [AB]leu{fp} eu fazer aqui. {pp}

INQ1 Ai, que engraçado!

INF1 Pronto. Era assim!

INF2 Não, então mas era... Mas era um{fp}... Era com o outro. Então, mas tinha uma coisa, não é? A (.../N) da minha avó lá na (.../NPR), era assim.

INF1 Era assim, era com um biquinho.

INF2 E depois esta coisa ia com estas coisas...

INQ1 E chamava-lhe como a isso?

INF2 Isto é um mexerico.

INF1 Um mexerico, que era de mexer {pp} o pão.

INF2 Pois, de mexer.

INQ1 Afastar o pão de um lado ou um do outro...

INF1 Sim, sim.

INF2 [AB]Um do ou-] Um do outro [AB]para {PH|nẽ=não}] para {PH|nẽ=não} ficar encostado, para {PH|nẽ=não} se encostar, para o pão {PH|nẽ=não} pegar e não se pegarem uns aos outros.

INF1 Para {PH|nẽ=não} ficarem casados.

INQ1 Sim senhora.

INF1 E para ganharem cor.

INQ1 Mexericos.

INF2 Pois. Mexericos.

INF1 [AB]E quando] E outra... E 'desqueceu-me' eu dum pormenor ainda: antes de se meter o pão no forno,

INQ1 Sim.

INF1 para ver [AB]se o pão] se o forno {IP|tavẽ=estava} quente demais ou não, punha-se para lá um punhadinho de farinha. Se a farinha caísse e ficasse logo preta, então tínhamos que esperar ainda um bocadinho; e se a farinha ficasse a corar, {fp} {IP|tavẽ=estava} capaz de se meter o pão no forno.

INQ1 De meter o pão. Portanto, o problema de meter o pão no forno com o forno muito quente qual era?

INF1 Queimava.

INQ1 Queimava o pão?

INF1 Porque a farinha, conforme caía lá, {pp} ficava preta. Pois. {IP|tavẽ=Estava} quente demais {CT|prɔ=para o} pão, não era?

INQ1 Rhã- rhã!

INF1 E depois [AB]o] metia-se o pão; se o pão {IP|tavẽ=estava} branco e se não ganhava cor, havia uma (porta) em madeira, ou uma lata...

INF2 Lá do lado de trás, do forno.

INF1 [AB|Até m-] Até mesmo com o mexerico dava para segurar.

INQ1 Essa porta? Tapava-se um bocadinho...

INF1 Para tapar... Para tapar. {pp} E se o pão {IP|^{tav}e=estava} a ganhar cor demais, ia lá atrás.

Porque há um buraco na parte (do lado) de trás.

INF2 (Ele aquilo) há um buraco no forno do lado de lá de trás do forno. Aquilo [AB|^é ta-] ou é tapado ou é destapado, conforme. Punha-se-{PH|^{li}=^lhe} um tijolo...

INF1 Então, [AB|^{abri-}] ia-se lá, tirava-se-{PH|^{li}=^lhe} o tijolo. Era assim um trapo grande e com um tijolo; a gente puxava pelo trapo, tirava o tijolo, que era {CT|^{pr}o=para o} forno arrefecer mais depressa.

INQ1 Rhã-rhã!

INF1 Pois.

INQ1 Mas isso, com o pão, ainda com o pão cá fora?

INF1 Com o pão lá dentro. (Já com o pão lá dentro).

INF2 Lá dentro, por dentro.

INQ1 Então e não havia o perigo de o pão baixar de repente?

INF1 Não.

INF2 Não.

INF1 Não.

INQ1 Com a corrente de ar? Não?

INF1 Não.

INF2 Não.

INF1 Não havia. {pp} É isso.

INQ1 Sim senhora.

Código de identificação do ficheiro: LVR36-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Áurea Idade: 59	Sexo: Feminino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Arciliano Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade: 4.ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 11 lado: A min: 271-295	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: A farinha: moinho e panificação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17B faixa: 13	Data da primeira transcrição: Abr.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ1 Deixe-me lá ver se agora me faltou aqui perguntar alguma coisa. Ah! Onde é que amassava? Amassava dentro de quê?

INF1 Havia quem {PHli=lhe}{fp} chamasse selhas, em madeira. Mas a gente era em alguidares de barro, alguidares grandes de barro. No tempo das minhas avós eram assim. E no meu tempo!

INQ1 Sim senhora. Portanto, não faziam só um pão, faziam vários?...

INF1 Ai, que desse logo para uma semana.

INQ1 Quantos?

INF1 Uns doze pães de quilo ou {fp}... Pois. (E às vezes era um pouco)...

INQ1 Olhe, e não faziam às vezes uns bolos, assim umas coisas mais pequeninas para os miúdos, quando?...

INF1 Com toucinho cozido.

INF2 As {RC|meren=merendeiras}. Isso é as merendeiras. Isso era as merendeiras, pá.

INF1 Com toucinho cozido.

INF2 [AB|Fazia-se| Fazia-se as merendeiras, não era, que (era) /eram\ mais pequenas.

INF1 Pois. Guardava-se um bocado de massa: "Ó mãe, a gente quer um bolo"! "{IP|ta=Está} bem"!

Guardava um bocado de massa, lá ia ao prato do toucinho... Porque todos os dias se fazia cozido; ia-se guardando sempre toucinho – não era? A gente (andávamos) /não éramos\ cheios de {fp}aquelas coisas, não era, não comíamos... E então, o toucinho era todo limpinho, tirava-se alguma folhinha de hortaliça que tivesse agarrado – não era? –

INQ1 Pois, pois.

INF1 no coiro, aquilo era tudo esmagado junto à massa.

INF2 Junta-se junto à massa.

INQ1 Ai, devia ser ótimo. Devia ser ótimo!

INF1 Pois. Depois ficava muito bom! E, às vezes, até com bocadinhos de linguiça cozida, mas isso a linguiça sobrava sempre menos. Sobrava mais era o toucinho. Era assim! E outras vezes: "Ó mãe, mas faça agora bolos doces". E então ela punha açúcar {pp} e banha.

INQ1 Pois. Açúcar e banha?

INF1 E banha. Naquela massa {pp} fazia bolos.

INQ2 Hum!

INQ1 Hum! Deve ser tão bom!

INF1 Metia às vezes um bocadinho de canela, também.

INQ1 Hum!

INQ2 Hum!

INF1 Ficavam muito bons [AB|aqueles] aqueles bolinhos. {pp}

INQ2 E quando, quando tapavam o pão para ele fintar, não faziam uma cruz a dizer alguma coisa?

INF1 Sim.

INF2 {fp} Bem, isso põe-se uns poucos de farelos por cima; punha-se, {pp} para saber...

INF1 [AB|Até] Até por cima.

INF2 [AB|A {PH|ja'vɔ=minha avó}] A {PH|ja'vɔ=minha avó} [AB|punha, ta-, tapa-] tapava com uma toalha o pão, {IP|tave=estava} ali coisa, depois punha-lhe {pp} [AB|os{fp}] os farelos ali por cima, fazia uma cruz...

INF1 Os farelos. Por cima.

INF2 [AB|E depois] E depois quando o pão {IP|tave=estava} a fintar, até o farelo via-se, começava a arregar. [AB|Via-se]

INF1 O farelo [AB|a arr-] a arregar. Era, era. Era mesmo.

INF2 Via-se aquelas arregoa no farelo, (diziam): "Olha, o pão {IP|ta=está} a fintar já bem, já coisa"!
(...)

INQ2 E não dizia nada?

INQ1 E depois quando faziam a cruz não diziam nada? Palavras nenhuma?

INF1 "Deus te acrescente que é para muita gente"!

Código de identificação do ficheiro: LVR37-C	
Localidade: Lavre Distrito: Évora	Concelho: Montemor-o-Novo Data: Fev.95
Informante1: Áurea Idade: 59	Sexo: Feminino Escolaridade: 3.ª classe
Informante2: Arciliano Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade: 4.ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 11 lado: A min: 368-374	
Inquiridor2:	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 17B faixa: 14	
Data da primeira transcrição: Abr.02 Data da revisão final: Mai.02	

INQ E andaram à escola?

INF1 Eu andei nas Cortiçadas.

INF2 Eu andei na escola.

INQ Até que classe? Até à quarta?

INF1 Até à terceira.

INQ Até à terceira.

INF1 Fiz exame. Era o exame da terceira. Até à terceira.

INF2 [ABIEu fiz] Eu fiz a quarta classe.

INQ Fez a quarta. Sim senhor. Portanto, o senhor sempre trabalhou na terra e a senhora também trabalhou na terra o tempo todo?

INF1 Sim. Pois.

INF2 Só ultimamente agora é que {IP|'tiv=estive} aí vinte anos ali num escritório. Passei [ABluma boa] um tempo melhorzito foi agora, (foi aí) {fp}.

INQ Pois. Mas não se aborrecia de estar num escritório?

INF2 Se aborrecia! Sim! [ABIAté pod-] Eu podia até ainda lá estar agora. [ABIEu é que] Eu é que já andava... {IP|'tavø=Estava} tão saturado, {pp}

INQ Claro!

INF2 tão saturado! Depois {IP|'tavẽw̃=estavam} lá duas raparigas – rapariguitas, raparigas, raparigas...

INF1 Olha que isso depois fica aí gravado.

INQ Ah! Pode-se apagar.